

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO 7.º DIA

REVISTA ADVENTISTA

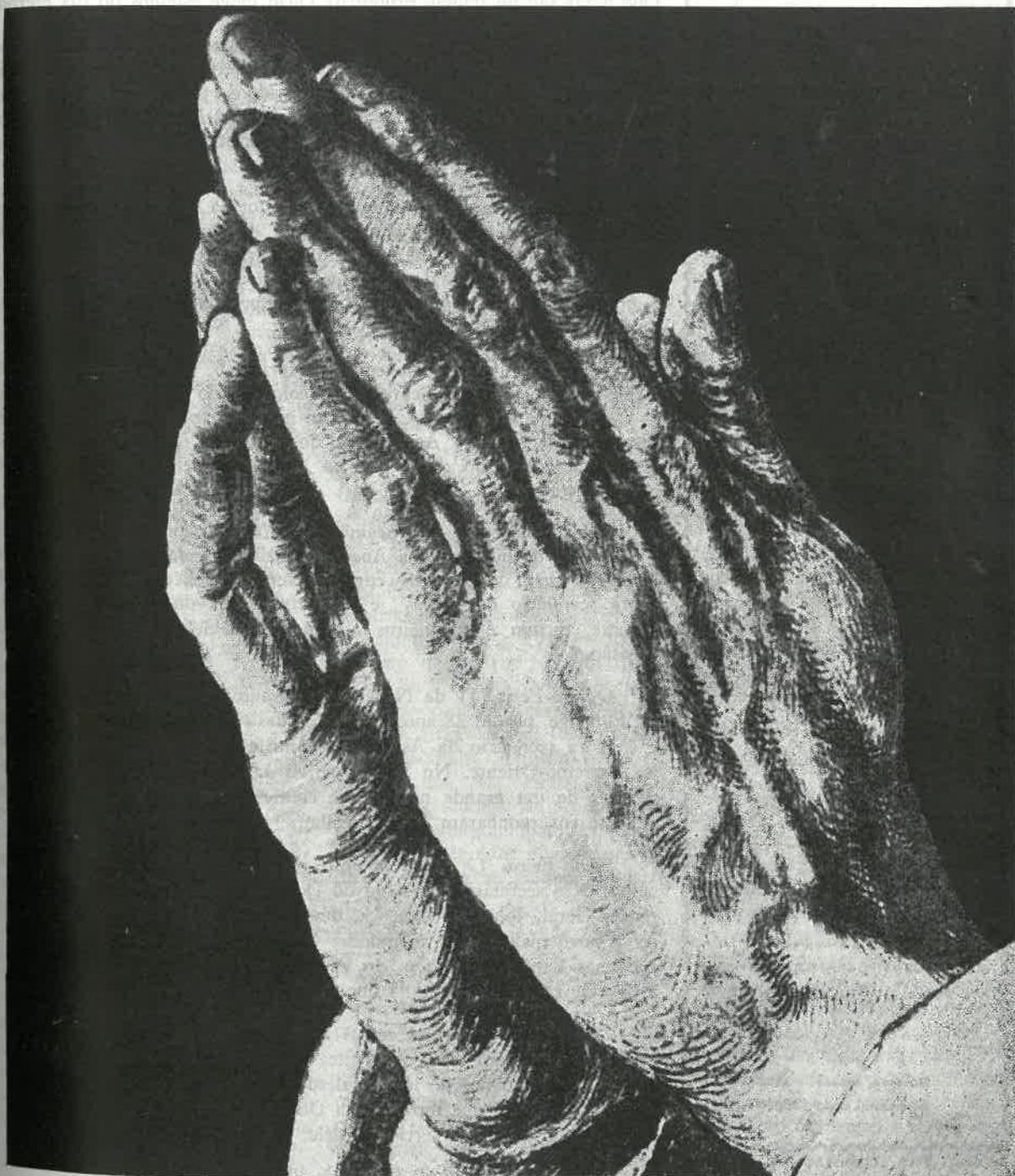
NOVEMBRO DE 1965

LEITURAS PARA A

SEMANA DE ORAÇÃO

6 a 12 de Novembro

ANO XXVI N. 230



« Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino »

SUMÁRIO

Guarda, a que horas estamos da noite?

Se eu tivesse um único sermão a pregar

O Sacrifício de Cristo, a nossa Vitória

Com Cristo no Santuário Celeste Inflexível como o alto Cedro

Não envergonhado do Evangelho

Para que o vosso gozo seja completo

Sai do meio deles e apartai-vos Cristo e a Sua Igreja

O Auxiliar da Escola Sabatina

NOVEMBRO DE 1965

ANO XXVI N.º 230

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,

J. M. MATOS, M. MIGUEL,

O. COSTA E P. RIBEIRO

PROPRIETARIA: UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA

Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA

Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00

Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

APRESENTANDO OS AUTORES

Sábado, 6 de Novembro: Apropriadamente, a primeira leitura para a semana de Oração foi escrita por R. R. Figuhr, Presidente da Conferência Geral. Na sua qualidade de dirigente do povo remanescente designado por Deus, o Ir.º Figuhr formula a pergunta solene: «Guarda, a que hora estamos da noite?» Onde estamos nós na corrente do tempo? Que horas são no relógio profético? Quão longe estamos do dia eterno?

Domingo, 7 de Novembro: «Se eu tivesse só um sermão a pregar», é o título da mensagem do Ir.º Jorge E. Vandeman. Como Secretário de campo da Conferência Geral, encarregado do programa: «Está escrito, para a Rádio e T. V.», o Ir.º Vandeman dirige à Igreja Universal a mensagem que ele considera ser a mais importante que Deus tem, hoje, para o seu povo.

Segunda-Feira, 8 de Novembro: O autor da leitura de hoje, Graham Maxwell é o director do Departamento de Religião da Universidade de Loma Linda. Em «O Sacrifício de Cristo e a nossa Vitória», o Ir.º Maxwell discute os princípios vitais da Salvação, e aquilo que o poder de Cristo pode cumprir para aqueles que são completamente entregues ao seu Salvador!

Terça-Feira, 9 de Novembro: Norval F. Pease é professor de Teologia aplicada no Seminário Teológico da *Andrews University*. O assunto que ele trata, «Com Cristo no Santuário Celeste», é de interesse central para os Adventistas do Sétimo Dia. Esta apresentação vívida do ministério de Cristo no Santuário Celeste merece a mais cuidadosa atenção.

Quarta-Feira, 10 de Novembro: «Inflexível como um alto cedro», é o assunto de que nos fala Anees A. Haddad, cuja pátria é o Líbano, lugar de origem dos famosos cedros dos tempos bíblicos. O Irm.º Haddad, agora secretário dos M. V. e da Temperança da Divisão do Médio Oriente, dirigiu os primeiros acampamentos de jovens nesta mesma Divisão.

Quinta-Feira, 11 de Novembro: O autor da leitura de hoje, Paul H. Eldridge, passou 28 anos ao serviço das missões no Extremo Oriente, e é agora secretário da Associação Ministerial e da T. V. na Divisão do Extremo-Oriente. No seu artigo, o Ir.º Eldridge relata as experiências de um grande número de crentes em países não cristãos que «não se envergonharam do Evangelho.»

Sexta-Feira, 12 de Novembro: Em «Para que o nosso gozo se cumpra», o secretário associado do Departamento dos M. V. da Conferência Geral, John H. Hancock, desenvolve o tema: os cristãos devem ser o povo mais alegre do mundo. O Ir.º Hancock foi chefe da juventude nas Uniões: do Lago, do Pacífico Norte, por 19 anos, e no seu artigo ele fala aos jovens, na linguagem dos jovens.

Sábado 13 de Novembro: A Semana de Oração termina com um apelo dirigido por Ellen G. White: «Sai do meio dela e apartai-vos» Devemos separar-nos do mundo desde já para que Deus derrame sobre a Igreja a bênção que terminará a Obra. Se, no último grande conflito, Satanás nos achar no território dele, seremos incapazes de resistir ao seu magistral engano!

«Guarda, a que horas estamos da noite?»

Por R. R. FIGUHR

A esta ansiosa pergunta «A que horas estamos da noite?» A sentinela nos muros responde: «A manhã vem» (Isaías 21:11, 12).

«Nos tempos antigos colocavam-se muitas vezes sentinelas nos muros da cidade, onde, de posições vantajosas podiam observar importantes pontos a ser guardados, e dar aviso da aproximação do inimigo. Da sua fidelidade dependia a segurança de todos os que se achavam dentro dessas cidades. A determinados intervalos cumpria-lhes chamarem-se uns aos outros, a fim de se certificarem de que todos estavam despertos, e de que nenhum mal sucedera a qualquer deles. O grito de animação ou de advertência era passado de um para o outro, todos repetindo o chamado até que este houvesse rodeado a cidade.» (Obreiros Evangélicos, pág. 12).

Os perigos que ameaçam os moradores das cidades requeriam sentinelas fiéis e alerta, sobretudo durante as escuras horas da noite. A aurora do dia trazia alívio. Por isso o anúncio do despontar do dia era muito desejado. «A manhã vem» era a senha que alegremente corria por toda a cidade.

O mesmo se deu com os fiéis seguidores de Deus neste mundo, sobre os quais caiu o negrume da noite do pecado. Pelos séculos fora, o povo de Deus procurou e ansiou pela aurora do dia prometido. Com zelo perscrutaram os céus para encontrar algum indício da aurora da-quele dia.

Com ardente anseio, o povo de Deus aguarda os sinais do seu Rei Vindouro. Ao serem consultadas as sentinelas: «Guarda, que houve de noite?» É dada sem vacilação a resposta: «Vem a manhã e também a noite». Isa. 21-11-12.

Brilha a luz nas trevas, sobre o cume das montanhas. Revelar-se-á em breve a Sua Glória. O Sol da justiça está preste a sair. A manhã e a noite estão ambas às portas.

— O iniciar de um dia intermimo para os justos, e o baixar da eterna noite para os ímpios. (Conf. Séc. pág. 464).

A Palavra de Deus está repleta de referências e de certezas da vinda do Senhor dos senhores. Aquele que tem o direito de reger vem muito em breve para reger. Os apóstolos e os primeiros seguidores do Senhor, alguns dos quais viram com os seus próprios olhos a ascensão do seu Senhor aos céus, lembraram vívida e fervorosamente a certeza que eles acariciavam: «Virei outra vez e vos levarei para mim mesmo para que onde eu estiver, estejais vós também. Esta certeza não era para eles alguma teoria, nenhuma doutrina fria e formal. Era uma esperança viva, uma preciosa promessa. Ela mudou todo o curso das suas vidas e tornou-os peregrinos e estrangeiros na terra que esperavam «a cidade que tem fundamentos da qual o artífice e construtor é Deus». Quando o fiel João foi banido para a rochosa e solitária ilha de Patmos, Deus levantou para ele o véu do futuro e mostrou-lhe os acontecimentos que deviam preceder o glorioso aparecimento de Cristo. No fim desta exposição o Senhor terminou a sua revelação com esta certeza: «Certamente cedo venho». João, o piedoso discípulo, o último sobrevivente dos 12, expressou em palavras a saudade do seu próprio coração, como também de todo o verdadeiro seguidor do Senhor, ao dizer: «Ora vem, Senhor Jesus!»

Que aconteceu?

Mas um grande abismo de diferença existe entre a igreja cristã primitiva que tão fervorosamente acalentava esta esperança da breve vinda de Jesus, e que tão positivamente vivia esta esperança, e o mundo cristão de hoje! Pouco se ouve falar, agora, da vinda do Senhor entre os milhões de cristãos

professos de hoje. É raro alguém expressar o fervoroso desejo: «Vem, Senhor Jesus». Alguma coisa aconteceu na igreja cristã e nos corações dos cristãos desde aqueles primeiros dias. Esta «alguma coisa», seja qual for, arrefeceu o ardor primitivo e atrai a atenção da maior parte dos cristãos para outras coisas. «O Senhor vem!» era a senha entre os primitivos seguidores do Senhor. Tal já não existe. O que foi que trouxe esta mudança, esta falta de fervor, este arrefecimento de ardor, para com esta grande verdade que em tempos foi uma vibrante esperança? A resposta não é difícil achar. O grande e esperto inimigo conseguiu enganar os cristãos, levando-os a relegar uma grande verdade bíblica para uma posição de pouca importância.

Os historiadores bem, como diversos autores, dizem que durante os dois primeiros séculos da era cristã a crença no segundo advento de Cristo era largamente difundida. «É bem sabido que, no período primitivo, os fiéis acreditavam realmente, em sentido literal na «segunda vinda» do Senhor Jesus Cristo, no ressurgimento e reino dos santos com Ele por mil anos, antes que o resto dos mortos ressuscitasse». Cotton Mather, citado em C. C. Pyrie, *The basis of the Pre-millennial Faith*, pág. 32. Nos séculos logo a seguir, esta crença declinou. Há razões significativas para este declínio, e elas constituem, hoje, uma advertência para os Adventistas do 7.º Dia. O seu amor pela volta de Cristo pode também arrefecer, e podem eles também reconciliar-se com este mundo. A primeira razão para o fervor debelado da parte dos cristãos foram os tempos melhores que vieram para os crentes. Quão desmoralizador e assombroso o sossego e a vontade podem vir a ser! O Imperador Constantino pôs um termo à perseguição contra os fiéis discípulos de Cristo. Seguiu-se pouco depois a união da

Igreja e do Estado. «Não mais pobre, mas agora sobrecarregada com riquezas e honras mundanas, ela (a Igreja) viu que manter a doutrina da peregrinação e separação, assim como a espera de um Rei que havia de vir, de um reino terrestre, seria extremamente desagradável a Constantino. Assim o patrocínio da Igreja pelo mundo e a prosperidade resultante trouxe à Igreja a grande perda de esperança da vinda em breve do seu Senhor.

«Até aí as Escrituras sustentaram a Igreja na sua separação do mundo, mas já que este curso tinha mudado, a interpretação das Escrituras também tinha de mudar afim de justificar a sua posição» Ibid. pág. 27.

Veio um reavivamento parcial da doutrina da vinda pré-milenarista do Senhor como Chefe supremo, durante a Reforma. Mas esta doutrina, como era ensinada pela Igreja primitiva, «Foi quase exterminada pelos ensinamentos e poder do papado... os cristãos estavam contentes com o triunfo da Igreja na ordem presente e com a esperança para a alma individual depois da morte». Ibid. pág. 27.

O autor acrescenta: «O Protestantismo nunca se curou completamente da escatologia da Igreja Católica Romana espalhada na Idade Média». Ibid. pág. 30.

É necessária uma vigilância constante

Vemos neste facto a necessidade de uma constante vigilância para que os cristãos não sejam embalados num estado de indiferença e levados com aqueles que dizem «Meu Senhor tarde virá», e que se instalam confortavelmente neste mundo. Não devemos perder de vista o conceito literal em que o Senhor insistiu e que Ele tornou tão claro, a respeito da Sua vinda e dos acontecimentos que a precedem. Os nossos ouvidos devem permanecer atentos à palavra da sentinela que diz: «A manhã vem». Devemos discernir os sinais do dia vindouro.»

«A voz da verdadeira sentinela precisa de ser ouvida agora em toda a linha, 'a manhã vem e a noite

também'. A trombeta deve dar um som certo, porque estamos no grande dia da preparação do Senhor... Há muitas doutrinas correntes no nosso mundo. Há muitas correntes religiosas que contam os seus adeptos por milhares e por dezenas de milhares, mas uma única traz a inscrição e o selo de Deus. Há uma religião de homens e uma religião de Deus. Devemos ter a nossa alma ancorada na Rocha Eterna. Tudo, no mundo de Deus, tanto homens, doutrinas, como a própria natureza, está a cumprir a segura palavra da profecia divina e terminando a Sua obra na história deste mundo. «*Selected Messagens*, liv. 2, pág. 379-380.

O anúncio da sentinela que «a manhã vem» é para todos os que amam a vinda do Senhor a certeza da libertação da tristeza e sofrimento e de todos os males deste mundo. Com que desejo alegre eles olham para a frente na expectativa duma rápida antecipação das suas esperanças mais profundas. «E naquele dia se dirá: Eis que este é o nosso Deus, a quem aguardávamos; na sua salvação gozaremos e nos alegraremos». (Isa. 25:9).

Esta esperança, diz o apóstolo Paulo em I Tessl. 4: 13-18 é que deve confortar os fiéis seguidores de Cristo na hora triste em que dizem o último adeus aos seus entes queridos à beira do túmulo.

«Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morrerem em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor». (Ver. 16-17). A realidade da vinda literal de Cristo, com o fim da morte naquela altura é posta em relevo pelos apóstolos nestas palavras: «Dizemos-vos pois, isto pela palavra do Senhor». Isto não é apenas um dito do homem. É a certeza e segurança do próprio Deus a seu povo.

A gloriosa vinda de Nosso Senhor, juntamente com todos os felizes acontecimentos relacionados com ela, é uma promessa à qual os fiéis podem agarrar-se com plena

certeza. Ela sustentou os fiéis do Senhor em tempos passados. Ela os sustenta hoje.

O nosso perigo, hoje

O nosso perigo, como Adventistas, não é de vir a negar a doutrina do segundo advento do Nosso Senhor. O inimigo bem sabe que aqueles que são familiares com as Escrituras, mesmo de um modo geral, não podem ser induzidos abertamente a desviar-se de uma clara verdade escriturística. Não, os Adventistas não estão aí em maior perigo. Não é provável que eles venham a negar este ensino fundamental de Cristo. Muito poucas, se ainda houver alguma, entre as igrejas cristãs negam esta doutrina. Costumam diluí-la, adia-la indefinidamente. Desfazem em explicações o seu aspecto literal. Mas não o negam. Entre as armadilhas engenhosas preparadas para os pés dos incautos Adventistas está um interesse em declínio, um determinado senso de realismo, a falha em reconhecer o facto de que o Senhor virá literalmente nas nuvens do céu, e que os olhos humanos O contemplarão quando Ele vier.

É impressionante, ao ler os escritos da mensageira do Senhor, notar o realismo com que ela pensava e escrevia acerca da Vinda de Cristo. Reparaí nesta entusiástica referência: «Oh, quão glorioso será vê-lo e saudá-lo como remidos!» Quão alegre é a seguinte: «Sinto como se tivesse que gritar bem alto: A caminho do Lar!» A serva do Senhor dirigia os seus pensamentos e os seus passos para um lar literal e celestial. Noutro lugar ela descreve-se a si própria com os remidos nas mansões eternas: «Em breve estaremos no nosso lar prometido. Ali Jesus nos guiará perto do rio da Vida, que jorra do trono de Deus nos explicará as escuras providências pelas quais Ele teve que nos levar neste mundo a fim de aperfeiçoar os nossos caracteres. Ali contemplaremos numa visão imarcescível as belezas do Eden restaurado. Lançando aos pés do Redentor as coroas que Ele colocou sobre as nossas cabeças e pegando nas nossas harpas, encheremos os céus inteiros de louvores. Aquele que está sentado sobre o trono.» *Testimonies*, Vol. 8, pág. 254.

O sentido das realidades

Tal sentido das realidades do maior acontecimento deve afectar definitivamente o curso da vida de todo o crente, todo o pensamento e todo o acto da sua vida. Isto é precisamente o que o inimigo procura neutralizar. Se ele consegue levar-nos a colocar toda a importância nas coisas terrestres, para tornar as celestiais irreais, ele ganha uma grande vitória. Quão incompetente foi ele no seu nefando desígnio e esforço em relação a um leal servo de Deus no passado: Job! Como está patente na vida deste piedoso homem. Quando Job perdeu todas as suas possessões materiais, ovelhas, bois, camelos e jumentos — e até os seus dez filhos, — Deus com o propósito divino permaneceu muito real para ele. «O Senhor o deu, e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor», foi a sua resposta na hora da grande perda. Não tivesse ele vivido e pensado assim diariamente, nunca poderia ter ido ao encontro do seu infortúnio tão corajosamente e com tanto êxito.

A sentinela em Israel diz também que «A noite vem». Haverá um dia eterno para os servos fiéis e vigilantes, mas também eterna noite para os descuidados e indiferentes

que nunca tomaram a peito a admoestação do Mestre: «Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que os vossos corações fiquem sobrecarregados com as consequências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente como um laço, pois há-de sobreviver a todos os que vivem sobre a face de toda a terra. Vigiai, pois em todo o tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder, e estar de pé, na presença do Filho do homem.» S. Luc. 21:34-36.

Há muitas coisas que devemos vigiar hoje em dia. Devemos vigiar aquilo que deixamos entrar e ficar na nossa mente, e aquilo que acariciamos no nosso coração. «Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra», o apóstolo nos admoesta.

«Devemos desviar-nos de um milhar de assuntos que nos prendem a nossa atenção», e ainda: «Os anjos de Deus procuram atrair-nos e desviar-nos de nós mesmo e das coisas terrenas. Que o seu trabalho não seja em vão». *Testimonies*, Vol. 8, pp. 316, 314.

Durante esta semana de oração devemos seriamente perguntar-nos

a nós mesmos: Como me encontrará a aurora do dia eterno de Deus? Estarei pronto? Estou eu agora entre aqueles que anseiam por aquela manhã brilhante do grande e infundável dia? 'Tenho eu a certeza de não me tornar descuidado e indiferente, e por outro lado satisfeito com o mundo actual? Serei achado entre aqueles que amaram a Sua Vinda? Estas perguntas, e outras parecidas podemos bem formular a nós mesmos para estarmos certos de que, enquanto trazemos o nome de Adventistas, demonstramos também a realidade da nossa fé, numa vida de harmonia com ela.

Por toda a parte vemos indicações claras de que a noite já passou, e que o dia está a chegar. Sentinelas Adventistas que é da noite que está quase a passar? A aurora do dia de Deus encontrar-vos-á preparados e esperando entrar no gozo do vosso Senhor? Deus permita que a vossa voz possa juntar-se a este glorioso coro exclamando: «Este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, Ele nos salvará».

Esta semana não deve passar sem um cuidadoso exame de consciência à medida que a realização da proximidade do glorioso aparecimento do nosso Senhor é colocado novamente diante de nós.

Domingo, 7 de Novembro

Se eu tivesse um único sermão a pregar

Por GEORGE E. VANDEMAN

Se eu tivesse tão-somente uma oportunidade de apelar ao coração humano, se eu tivesse só uma hora para encarar homens, e mulheres que são destinados a juízo, se eu pudesse estar só uma vez diante de pessoas que devem em breve encontrar o seu Deus — Que mensagem escolheria?

Quando eu contemplo o grande número de verdades e o desespero das necessidades humanas, que mensagem única satisfaria a exigência desta oportunidade sem paralelo?

Iria eu falar de profecias, da proximidade do fim, do tempo que se esgota? São de grande importância estas mensagens, elas colocam a nossa relação para com Deus em perspectiva vital.

Seria a minha mensagem uma das doutrinas? Estas são muito necessárias e justas. Seria na necessidade social de homens e mulheres tão séria nesta hora? Ou falaria sobre problemas da família e do lar que tocam quase todas as vidas, com ansiedade profunda e perturbadora?

Isto dá que pensar. O que é realmente o mais importante? Que necessidade terá a prioridade numa hora como esta?

Quanto mais vejo Deus à Obra, mais eu compreendo o que Ele considera essencial. E é de suma importância descobrir o que Ele pensa. Porque chegamos a um tempo em que as primeiras coisas devem absorver a nossa atenção.

Temos vivido os anos mais revolucionários de toda a nossa história, anos de ressurgimentos e mudanças. Cada volta e meandro

do nosso cérebro encheu-se ao extremo para conter estas novidades todas. A gravidade foi desafiada. O espaço foi penetrado. Os satélites olham lá de cima para um planeta sujo. A vida nunca mais voltará a ser a mesma.

Olhos exercitados vêem hoje um mundo que com rapidez espantosa se identifica às predições de Pedro e Paulo, às visões de Daniel e de João. Estamos a viver na última contagem às avessas da história da terra. As forças de Satanás estão a ficar furiosas na medida em que nos aproximamos da hora zero.

É isto o que enfrentamos. Estamos no terreno encantado de Satanás. Não há um momento a perder.

Um propósito ardente

Podem parecer um sussurro insensato, para um pequeno corpo de crentes, que uma mensagem impopular, com pouca influência e bens deste mundo, possa vir a comandá-lo. Quero dizer: seria um sussurro insensato pretender conhecer as respostas, *a não ser para as registar.*

No Antigo Testamento descobrimos na experiência de Gedeão um exemplo primoroso do facto que os números, no entender de Deus, não têm importância. Gedeão, lembrou-se, começou com um exército. Mas seguiu-se uma série de provas até que por fim, a tarefa divina cumpriu-se com um grupo vitorioso de apenas 300.

No Novo Testamento, encontramos no cenáculo somente um grupo de 120 com o encargo de pregar o Evangelho. Contudo, deste cenáculo saíu um poder que devia transformar o mundo pagão.

O que tinham os 300 de Gedeão na hora do perigo nacional para Israel, que não temos hoje? Que tinham os 120 que tão corajosamente enfrentaram o mundo pagão e o transformaram? *Que devemos ter* se temos de enfrentar o futuro probante que faz pressão incessante sobre nós? Qual é o segredo do poder que nos preparará para enfrentar a prova final do mundo?

Achamos a resposta, creio eu, em Jeremias 20:9: «Então disse eu: Não me lembrarei dele, e não falarei mais no seu nome; *mas isso*

foi no meu coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; e estou fatigado de sofrer e não posso». Aqui o profeta mostra a sua alma sensível. Num acto de receosa humildade ele determinou não falar mais no nome do seu Deus. Estando na presença do Autor do seu ser, revelando a excelência da divindade, a sua profunda indignidade, ele suplicou ser libertado da sua responsabilidade. Mas com a Palavra de Deus na sua boca, e o fogo de Deus no seu coração, sentiu uma paixão arrebatadora que não podia silenciar. Era o fogo que fazia a diferença.

Penso na experiência de uns exploradores franceses que estavam penetrando nas densas selvas de África. Ao cair da noite, enquanto preparavam o acampamento para pernoitar, foram surpreendidos por uma vista que os deixou perplexos e espantados. Ali, na claridade à frente deles, havia pequenas cubatas, e pequenas fogueiras cuidadosamente arranjadas mas não acesas — não uma, nem uma dúzia — mas 35 delas. Quem teria feito isto?

Examinaram bem de perto uma dessas fogueiras em forma de pirâmide. Havia no fundo uma mão-cheia de folhas secas, alguns ramos cruzados por cima, depois paus mais grossos e por fim toros de lenha mais grossa, encostados uns aos outros ao alto.

Mas o segredo estava desvendado. Porque ao olhar para cima, nas árvores, havia chimpazés, dúzias deles, olhando os exploradores a examinar o trabalho *deles*. Os chimpazés tinham vigiado os homens acampados a construir as suas fogueiras. E quando se foram embora os chimpazés copiaram a sua arte. As fogueiras estavam perfeitas. Estava tudo em ordem, sem um erro sequer. Mas não tinham fogo!

Precisarei eu de estabelecer o paralelo? Fazemos as nossas próprias fogueiras. Temos disposto as nossas doutrinas. Estão ortodoxas, certas, cremos em cada pormenor. A nossa teologia é toda escriturística, isto é fora de questão. Temos provas irrefutáveis que nos envaidecemos de apresentar. Edificamos uma organização completa e que não falha. As rodas giram suave e eficientemente. Mas que apro-

veita — Se não há fogo? «Isso foi no meu coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; e estou fatigado de sofrer e não posso».

Sim, se eu tivesse um único sermão a pregar, seria necessariamente com o fim de apontar para homens e mulheres o Santo Espírito e o fogo vivo que Ele traz, o fogo que devemos ter se quisermos que a nossa mensagem traga o impacto transformador nesta geração descrente se quisermos ser nós mesmos vitoriosos.

Que fez do grupo dos 300 de Gedeão um grupo vitorioso? Que poder teria inflamado os 120 para levar ao mundo hostil a sua mensagem? O Poder. Devemos ter-l'O — ou então não somente seremos ineficientes, mas também pereceremos!

Quem dentre nós não sente pessoalmente a necessidade de mais profunda dinâmica espiritual? Quem não sente a necessidade de fogo — do poder de Deus, nesta hora crítica? Estamos no terreno encantado de Satanás. As forças do mal nunca estiveram tão fortes, tão subtis, tão intrigantes, tão atractivas. E o tempo nunca esteve tão curto!

O desafio da tentação

Na época dos pioneiros, os primeiros emigrantes tinham muitas vezes que enfrentar os ataques dos índios melindrados com a sua presença. Quando estes guerreiros enfeitados de penas apanhavam um cativo, deliciavam-se em divertir-se com a sua vítima, como o gato com um rato. Por exemplo, podiam dizer a um cativo que ele tinha uma possibilidade de salvar a vida se conseguisse passar entre duas longas linhas de inimigos armados até aos dentes com *tomahawks* e facas. Isto, é claro, significava morte quase certa. Mas em raras ocasiões um homem podia escapar-se correndo como um furacão ou escapando-se como um coelho.

Isto era chamado «levantar a luva», correr o risco, aceitar o desafio. A expressão ficou desde então. Por cruel e desalmada que fosse esta prática, é pouco diferente do sistema das armas satânicas, hoje. Estamos sempre levantando a

luva da tentação, risco que não é menos perigoso.

Mas tão surpreendente quanto possa ser, a vitória nesta luta titânica pela alma, não depende da nossa própria força ou da nossa determinação em resistir, não da nossa rapidez ou habilidade em esquivar-nos das facas do inimigo, mas sim de qual o poder que controla a fortaleza da alma.

Que quero eu dizer? Simplesmente isto. Quando um plano é estabelecido para estudar a Palavra de Deus, quando há uma nova avaliação da nossa necessidade e uma renovada determinação de fazer a vontade de Deus, quando uma semana como esta é dedicada à oração e exame de consciência, Satanás não afrouxa as suas intenções. Intensifica os seus ataques. Com argúcia diabólica prepara os seus embustes.

Pode ser um ataque de surpresa, quando um ataque de frente não daria resultado. É, geralmente, quando estamos sós que a tentação é mais perigosa. Em tais momentos, é por insinuações, imaginação baixa e maus propósitos que saltam à mente e que escurecem as suas fontes de luz, que o inimigo se esforça por esconder a face de Cristo. Ele sabe que se conseguir conquistar os nossos pensamentos terá domínio sobre nós. A batalha que estamos a descrever é a batalha da mente, e a mente é a fortaleza da alma.

A mente pode ser uma fortaleza bem guardada, poderosamente sustentada, propriamente orientada em cooperação com Aquele que nunca perdeu uma batalha. Pode ser uma fortaleza que Cristo mantém num mundo revoltado. Ou pode ser fraca, indefesa, vulnerável ao ataque.

Quem está no controle dos nossos pensamentos? Esta é a pergunta que necessitamos de responder esta semana.

Ouvi estas palavras:

«Só podemos receber da luz do céu, à medida que formos voluntários em nos esvaziar do próprio eu. Não podemos discernir o carácter de Deus, ou aceitar Cristo pela fé, a não ser que consintamos em levar cativo todo o pensamento à obediência de Cristo. A todos quantos assim fazem, é o Espírito

Santo dado sem medida». (*O Desejado*, pág. 127).

Se nós consentirmos, o poder será nosso. Se consentirmos o fogo arderá em nós para revelar e para transformar. Não temos que expor-nos desamparados diante da tentação, escarnecidos pelo nossos pecados, atrapalhados e desanimados pelas derrotas contínuas. O Poder para a vitória pessoal é nosso, se consentirmos. Diz a serva do Senhor:

«Ao pecado só se poderia resistir e vencer por meio de poderosa operação da terceira pessoa da Trindade, a qual viria, não com energia modificada, mas na plenitude do divino poder. É o Espírito que torna eficaz o que foi realizado pelo redentor do mundo. É por meio do Espírito que o coração é purificado. Por Ele torna-se o crente participante da natureza divina. Jesus deu o Seu Espírito como um poder divino para vencer toda a tendência hereditária e cultivada para o mal e gravar o seu próprio carácter na Sua Igreja». Id. pág. 501

Poder para resistir, — ao nosso dispor

Ninguém precisa de ser escarnecido por persistente fracasso pessoal. Para cada fraqueza há poder ao nosso dispor para vencer. A verdade é que só por si não pode fazê-lo. A lenha muito bem arrumada na fogueira nada faz. *É preciso fogo na lenha.*

«Sem o Espírito de Deus de nada vale o conhecimento da Palavra. A teoria da verdade não acompanhada do Espírito Santo, não pode vivificar a alma, nem santificar o coração. Pode estar-se familiarizado com os mandamentos e promessas da Bíblia, mas se o Espírito de Deus não introduziu a verdade no íntimo do nosso coração, o carácter não será transformado. Sem a iluminação do Espírito, os homens não estarão aptos para distinguir a verdade do erro, e serão presa das tentações subtis de Satanás». (*Parábolas*, pp. 408-411).

Teremos acaso estado tanto tempo sem o poder do Espírito que estamos quase satisfeitos sem Ele? Estaremos tão acostumados à derrota que estamos já resignados a

viver sem Ele? Estaremos a dormir nas poucas horas que Deus nos destinou para preparar-nos para a Sua Vinda?

Estranho encantamento tão perto do fim da batalha!

Para poder permanecer diante do fulgor eterno, e que o fogo do Espírito arda em nós até que toda a fraqueza seja consumada, que todo o pecado tenha fugido, não é experiência essencialmente confortável, mas é uma experiência imperativa. E o fogo fará a sua obra, — se consentirmos.

Uma experiência imperativa

Eu não posso esquecer a descrição inspirada duma reunião no *auditorium* do velho Tabernáculo de Battle Creek: Ouçam!

«Uma oração foi feita; cantou-se um hino e de novo se orou. Uma súplica zelosa e ardente foi feita a Deus. A reunião foi marcada pela presença do Espírito Santo. A Sua obra foi profunda, e alguns presentes choravam alto. Um levantou-se da sua posição de joelhos, e disse que no passado não tinha estado em união com alguns e que não sentia amor por eles, mas agora ele via-se a si mesmo como estava...

«O dirigente voltou-se para aqueles que tinham orado e disse: 'Temos alguma coisa a fazer. Temos de confessar os nossos pecados e humilhar os nossos corações diante de Deus'. Ele fez então uma comovedora confissão, e avançou perto de vários irmãos, e a um após outro estendeu a mão pedindo perdão. Aqueles a quem falou puseram-se de pé fazendo confissão dos seus pecados e pedindo perdão, abraçando-se uns aos outros, chorando. O espírito de confissão espalhou-se pela congregação toda. Era como no tempo de Pentecostes. Cantaram-se louvores a Deus, entrou-se pela noite dentro, quase até de madrugada.

Ninguém parecia demasiado orgulhoso para fazer uma confissão sentida, e aqueles que dirigiam esta obra eram aqueles que possuíam a influência, mas não tinham tido antes a coragem de confessar os seus pecados.»

Mas então aparece o trágico parágrafo do fim:

«Isto poderia ter acontecido. Isto o Senhor esperava para Seu povo. Todo o céu esperava para dispensar a sua graça! Pensei então onde poderíamos estar se uma obra cuidadosa tivesse sido feita na última Conferência Geral, e uma angústia de desapontamento veio sobre mim quando verifiquei que aquilo que eu tinha visto não era uma realidade.» *Testimonies* vol. 8, pp. 104-106).

Uma coisa temos a fazer

Estas palavras deixaram-me assombrado desde a primeira vez que as li até agora. Tudo isso podia

ter acontecido. Mas não se tornou uma realidade!

Querido povo, temos uma coisa a fazer. Acaso começaremos a tempo? Já? Será que as palavras que acabamos de ler são uma descrição reveladora da nossa própria necessidade pessoal, esta noite? Não agradaria a Deus que esta cena se reproduzisse esta semana, por todo o mundo?

Tudo isto podia ter sido. Mas não é preciso esperar mais. À medida que eu visito o nosso povo, vejo um desejo aprofundado e inteira determinação de ser recto para com Deus, de terminar a obra no nosso coração afim de que Deus possa terminá-la no mundo.

O Espírito de Deus está operando. «Ele está a efectuar transformações tão espantosas que Satanás, com a sua triunfante jactância, com toda a sua confederação do mal unida contra Deus e as leis do Seu Governo, passa a olhá-las como fortalezas inexpugnáveis para os seus sofismas e enganos.

São para ele um mistério incompreensível. *«Testimonies to Ministers»* pág. 18.

Que hora solene estamos a viver! Que oportunidade temos esta semana de abrir os nossos corações ao poder de que necessitamos, e de deixar o fogo arder em nós até que nos deixe puros, indefectíveis, fortes no Poder do Omnipotente!

Segunda-feira, 8 de Novembro

O Sacrifício de Cristo, a nossa Vitória

Por A. GRAHAM MAXWELL

Talvez o versículo mais conhecido de toda a Bíblia seja o de S. João 3:16. «Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.»

Todos nós sabemos a história: como o Filho de Deus veio a esta terra, como Ele viveu entre nós como a pessoa mais bondosa que o mundo jamais viu, como ainda na força da vida Ele morreu da morte mais terrível, como ressurgiu do túmulo e voltou para o Seu Pai Celeste.

Mas por que fez Ele isso? Por que veio Jesus em forma de homem? Por que tinha Ele de morrer?

Se tivésseis estado em lugar de Deus, naquele dia no Eden quando Adão e Eva pecaram pela primeira vez que lhes teríeis feito? Teríeis perdoado, deixaríeis pelo menos uma possibilidade de eles ficarem no jardim? Pais humanos fazem isto todos os dias para os seus filhos desobedientes. Sendo Deus amor, porque foi Adão banido na sua primeira ofensa?

A resposta errada a esta pergunta pode afectar seriamente a ati-

tude de alguém para com Deus, como também a prática da religião.

Muitos crêem que Deus tem estado por muito tempo zangado com a raça humana, muito relutante em perdoar e abençoar as suas faltosas criaturas. Por milhares de anos os homens ofereceram sacrifícios — por vezes seus próprios filhos — para ganhar o favor do seu deus ofendido. Até no mundo cristão, alguns ensinam que se não fosse por constante intercessão, Deus não encontraria em Seu coração o poder de amar e salvar-nos a nós pecadores.

Mas precisamos de fazer qual-quer coisa para que Deus nos ame?

Nada é mais enfático nas Escrituras do que a certeza de que Deus amou sempre até o mais transviado dos seus filhos. Quando Deus disse: «No dia em que comeres certamente morrerás». Ele não estava proferindo uma ameaça arbitraria. Em amor para com as suas criaturas, o Pai estava somente advertindo das consequências da rebelião.

O pecado mudou tanto a vida do pecador que acabou por resultar em morte. Separado da Fonte da Vida,

ele certamente morrerá. Agora em desarmonia com o seu Criador, não pode mais suportar a glória viva da Sua presença.

«Não é um decreto arbitrário da parte de Deus que exclui do céu os ímpios; estes estão excluídos por sua própria incapacidade para gozar da companhia dos seus habitantes. A glória de Deus será para eles um fogo devorador.» (*Aos Pés de Cristo*, pág. 15).

Como poderia Deus salvar os pecadores?

Como poderia, então, Deus salvar os pecadores? Como poderia Ele aproximar-se bastante para reconquistá-los da sua rebelião? Uma oferta longínqua de perdão não restauraria o dano causado.

Como poderia Deus tornar clara a verdade acerca d'Ele próprio, para que os homens viessem a amá-l'O de novo e então serem curados?

A resposta de Deus foi a de enviar o Seu Filho em forma humana. «Cristo, a luz do mundo, ve- lou o esplendor da Sua Divindade um homem entre os homens, para

que estes chegassem sem ser consumidos, a travar conhecimento profundo com o seu Criador». *Testimonies*, Vol. 8, pág. 165.

Quando Adão e Eva pela primeira vez voltaram costas à verdade mostraram mais fé na serpente operadora de milagres do que n'Aquele que lhes tinha dado a vida. Como poderia Deus obter de novo a fidelidade deles? O amor e a fé não são produzidos à força. Só pelo amor pode ganhar o amor.

Pela vida que Ele viveu e pela morte de que morreu Jesus revelou tanto da bondade e da paciência de Deus que alguns são trazidos deste modo ao arrependimento (Rom. 2:4). «Nós o amamos porque Ele nos amou primeiro.» (I João 4:19). Nada pela força. Só pela Verdade e pelo Amor.

O Universo estava atento quando Deus perdoou a Adão e Eva e lhes concedeu tempo para serem restaurados. Deus tinha dito no jardim: «No dia em que comeres dele certamente morrerás».

«Certamente que não morreréis contradisse a serpente. É perfeitamente seguro, e altamente benéfico, comer do fruto desta árvore. Deus mentiu-vos e é indigno da vossa confiança e adoração».

Se Deus tivesse permitido a Adão e Eva colher as consequências imediatas e perfeitamente legais da sua rebelião, a verdade das suas próprias palavras teria sido claramente demonstrada, e a falsidade de Satanás teria sido claramente exposta.

Mas «O Senhor ... não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento» (II Ped. 3:9), em lugar da morte Ele ofereceu outra oportunidade para a vida eterna. Misericordiosamente até, Ele preservou a vida do pecador para que tivesse oportunidade de compreender a natureza do engano e voltar de novo para a verdade.

O risco que Deus tomou

Que risco correu Deus de ser mal compreendido! Todas as Suas criaturas inteligentes estão livres de decidir se vão colocar a sua confiança em Deus ou aceitar as acusações de tirania e fraude formuladas por Satanás. Já o grande en-

ganador tinha persuadido mais de um terço dos anjos a tomar o partido dele contra Deus.

Agora até o desejo de Deus de perdoar se tornava em evidência da duplicidade divina. «Eu bem vos dizia», exultava Satanás, «O pecado não resulta na morte. Certamente que não morreréis.»

Por milhares de anos podia parecer que Satanás tinha razão. Mas Deus guardava a Sua resposta para o momento mais auspicioso.

Finalmente, na plenitude dos tempos, Deus deu a Sua terrível resposta. Sacrificou-se Ele mesmo no Filho.

A morte com que Ele morreu foi muito mais que a crucifixão. Por amor de nós, «Aquele que não conheceu pecado foi feito pecado por nós» (II Cor. 5:21). Jesus morreu da terrível morte da separação, a inevitável consequência do pecado. Isto foi o que arrancou dos Seus lábios o grito de desespero, «Meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste?» (S. Mat. 27:46).

A própria justiça de Deus tinha sido posta em dúvida diante do universo. A Sua advertência de que o salário do pecado era a morte foi levada ao ridículo no Eden. Mas agora nunca mais. A morte de Cristo claramente demonstrou a justiça de Deus. (Rom. 3:25-26).

Deus tinha sido justificado nas Suas palavras e venceu quando foi julgado. (Rom. 3:4).

Isto foi o ponto culminante na controversia entre o bem e o mal. Este foi o momento da grande vitória de Deus, vitória sobre as forças do erro e da má formação. E Deus partilhará a Sua vitória com todos os que escolherem crer na verdade e assim voltarem a Ele com fé e amor.

Por estas razões e outras ainda, o único meio de ganhar de novo os pecadores e silenciar as acusações de Satanás foi para o próprio Deus o de assumir a humanidade e viver e morrer como Ele o fez.

Esta é a razão porque Deus, há uns mil e novecentos anos, se revestiu do corpo de uma criança. Crescendo até ser homem e vivendo a Sua vida incomparável, o Seu grande propósito era revelar a verdade a respeito de Deus.

Ele quis mostrar como Deus é infinitamente amor, e que Ele ama-

va a todos, incluindo as crianças. Os discípulos presumiam que o Salvador estava demasiado ocupado para dispender tempo com rapazes e raparigas. Mas Jesus disse: Deixai os meninos e não os estorveis de vir a mim.» (S. Mat. 19:14).

Desejou mostrar quão infinitamente paciente é o Pai, e assim tratou cada um com a maior cortesia e compreensão, mesmo que por vezes, em troca, fosse maltratado ou insultado.

Um dia os discípulos perguntaram a Jesus se desejava que eles mandassem descer fogo do céu para devorar os que rejeitavam o Seu amor. Pensavam eles que isso agradaria a Deus. Mas o Filho de Deus respondeu: «O Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las.» (S. Luc. 9:56).

Jesus quis mostrar como cada pormenor da nossa vida interessa ao Pai. Quando Ele encontrou o povo com fome, deu-lhe de comer. Quando os doentes vinham a Ele, curava-os. Um dia assistiu ao funeral de Lázaro, um dos seus amigos, e a Bíblia relata que Ele chorou.

A Suprema demonstração de Amor

Tudo isso conduziu à demonstração suprema e final daquilo que Deus é.

Na quinta-feira à noite Jesus foi preso. Foi julgado ilegalmente. Foi acusado falsamente. Foi grosseiramente insultado. Mas nem uma só vez se irritou. Porque Deus é assim mesmo.

Fizeram um jogo para ferir a Sua cabeça ensanguentada. Troçaram do Seu nascimento misterioso como se se tratasse de um ilegítimo. Um homem até Lhe cuspiu na face. Ter-se-ia esgotado a Sua paciência? Acaso se encolerizou contra os seus torturadores? Nunca! Porque Deus é assim mesmo.

Mesmo pendurado na cruz, sofrendo a dor da crucifixão e o escárnio dos que Ele vinha salvar, — mesmo ao passar pela agonia indizível da separação com o Pai — Ele ficou orando: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.» (S. Luc. 23:34).

Este é o género de pessoa que é Deus — todo amor, dignidade, e compaixão. E o Pai é o mesmo,

tão cheio de amor e perdoador como o Filho. Porque Jesus disse: «Quem me vê a mim vê o Pai»: (S. João 14:9).

Porque seis mil anos Deus trabalhou a conquistar-nos de novo, a persuadir-nos a amá-l'O como Ele nos ama. Durante todos estes anos Ele nos velou misericordiosamente a glória da Sua presença, para termos tempo de conhecê-l'O melhor.

Em breve tudo será decidido. Então a glória de Deus brilhará de novo por toda a eternidade. Naquele dia, os justos não temerão. Mas os ímpios serão aniquilados pelo brilho da Sua vinda. (I Tess. 2:8).

«Por uma vida de rebelião, Satanás e todos os que a ele se unem

colocam-se em tal desarmonia com Deus, que a Sua própria presença lhes é um fogo consumidor. A glória d'Aquele que é amor os destruirá.» (*O Desejado de todas as Nações*, pág. 570.)

Isto nos traz de novo a S. João 3:16.

«Deus amou o mundo de tal maneira». Ele não está irado contra nós, embora fôssemos pecadores.

«Que Ele deu o Seu Filho unigénito». E Ele o deu para sempre como prova eterna do Seu amor, como contínua lembrança daquilo que Ele desejava fazer para restaurar o homem.

«Para que todo aquele que n'Ele crê». Isto é, todo aquele que aceitou a verdade acerca de Deus reve-

lado em Cristo e assim ser reconquistado à fé e ao amor.

«Não pereça». Isto é, que não seja consumido pela glória da Sua presença.

«Mas tenha a vida eterna». Apesar da nossa rebelião e de tudo quanto nós Lhe custamos, Deus quer que vivamos com Ele — para sempre.

Poderíamos exigir ser tratados mais generosamente? E tudo quanto Deus nos pede, é que nós o amemos em troca, e que O amemos o bastante para fazer a Sua vontade, e assim estarmos preparados para viver na Sua presença.

Pode já não demorar muito tempo. Estais preparados para viver na Sua glória? Estais preparados para a Vinda de Jesus?

Terça-feira, 9 de Novembro

Com Cristo no Santuário Celeste

Por NORVAL F. PEASE

O Evangelho Eterno é excessivamente largo. Ele inclui a pré-existência de Jesus, que estava com o Pai «antes que o mundo existisse». (S. João 17:5). Inclui a Encarnação esse mistério insondável em que «O verbo se fez carne»: (S. João 1:14). Inclui a vida de Jesus — Seus ensinamentos, Seus milagres — Seu amor tal como o revelaram Suas palavras e actos. Inclui a cruz em que foi pago o preço da redenção do homem. Inclui o túmulo vazio, porque Jesus foi declarado Filho de Deus em poder pela ressurreição dos mortos. (Rom. 1:4). Inclui a ascensão de Jesus aos céus e a Sua segunda vinda, que tão claramente foi prometida na altura da Sua ascensão. (Act. 1:11).

O Evangelho Eterno inclui mais uma área, muito importante para si e para mim. *Este Evangelho inclui o ministério de Jesus no céu desde o tempo da Sua ascensão até ao momento em que Ele voltará.* Este é o evangelho conjugado no presente. Jesus torna-se algo mais do que um carácter histórico. Torna-se mais do que a esperança dos cristãos para a unidade. Está «vi-

vendo sempre para interceder por eles». (Heb. 7:25). Esta é uma verdade gloriosa, cheia de significado e conforto para cada crente.

Sentir-nos-emos fracos ou em necessidade? Estaremos tentados e provados? Teremos desesperado de tecer os fios da vida? Vacilaremos debaixo do peso da culpa? Os hebreus cristãos do tempo do Novo Testamento tinham aparentemente estas mesmas experiências. Acostumados como estavam a um sacerdote, Jesus foi-lhes apresentado como um sumo-sacerdote, e dizia-se a Seu respeito:

«Visto que temos um grande sumo-sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus, retemos firmemente a nossa confissão. Porque não temos um sumo-sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Chegamos pois com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, afim de sermos ajudados em tempo oportuno». (Heb. 4:14-16).

O Cristo deles era mais do que um carácter histórico que andou pela cena do mundo; Ele era mais do que o há muito desejado Messias por vir; Ele era um sacerdote e rei *presente, e contemporâneo.*

Podiam ir a Ele «confiadamente» podiam «alcançar misericórdia» fosse qual fosse e em qualquer circunstância. Ele era um Cristo vivo, escondido aos seus olhos por um momento, mas visível à sua compreensão.

Aceites por Deus

O socorro de Cristo não mudou em nada desde aqueles dias até agora. Desde o Santuário Celeste Jesus está derramando sobre os seus discípulos os benefícios da Sua expiação. (Early Writings, pág. 260). E por causa destes benefícios, podemos ter a certeza de ser aceites por Deus, dos pecados, e da imortalidade.

«A intercessão de Jesus Cristo no Santuário Celeste, em prol do homem, é tão essencial ao plano da salvação, como o foi a Sua morte sobre a cruz. Pela Sua morte ini-

ciou esta obra, para cuja terminação ascendeu ao céu, depois de resuscitar.» (*O Conf. Séculos*, pág. 358).

Na vida prática isto significa que, em tempo de tentação podemos recorrer ao nosso Salvador para nos dar força e Ele responderá imediatamente ao nosso apelo, se for feito com fé. Significa que as tristezas e desapontamentos da vida não terão que nos esmagar, porque um Cristo vivo está sempre pronto a habilitar-nos a enfrentar os problemas da vida. Significa que um malogro não nos derrotará forçosamente, porque há perdão à espera do nosso sincero pedido. Significa que não temos de vacilar e errar pela vida, sem rumo, porque a mão Divina se estende para nos guiar.

«Ele está no Seu lugar santíssimo, não numa condição de solidão e austera magnitude, mas sim cercado de milhares e milhares de seres celestiais que esperam para cumprir a ordem do Seu Mestre. E ele pede-lhes para trabalharem em favor do mais fraco dos crentes que põe a sua confiança em Deus. Altos e baixos, ricos e pobres, a todos o mesmo auxílio é concedido.» (*The S. D. A. Bible Commentary*, E. G. White Comments, em Heb. 9:24, pág. 933).

A sua missão como mediador divino, é a salvação do homem. Ele ganhou o direito de ser mediador do homem morrendo e ressurgindo. Depois de ascender ao céu, Ele disse à Igreja, por meio de João: «Eu sou o primeiro e o último, e o que vivo e foi morto, mas aqui estou vivo para todo o sempre» (Apoc. 1:18). Estas são as Suas credenciais como Redentor do homem.

«A plenitude da Sua humanidade, a perfeição da Sua Divindade foram para nós um terreno sólido onde podemos ser levados à reconciliação com Deus. Foi quando nós éramos ainda pecadores que Cristo morreu por nós. Temos a redenção pelo Seu sangue, e mesmo o perdão dos pecados. As Sua mãos feridas estão estendidas para o céu e para a terra. Com uma das mãos segura Ele o pecador na terra, e com a outra alcança o trono do Infinito, e assim a nossa reconciliação.

Hoje Cristo pôs-se como nosso advogado perante o Pai. Ele é o

único Mediador entre Deus e o homem. Trazendo as marcas da crucificação, Ele advoga a causa das nossas almas». (E G. White, carta 35, 1894).

O Cristo vivo é até mais do que um advogado para nós quando estamos em dificuldades. N'Ele está a força para o crescimento espiritual, afim de que as fraquezas humanas sejam dominadas. «Ora, aquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar...» (Judas 24); e «Posso todas as coisas naquele que me fortalece». (Fil. 4:13 6).

«A fé na expiação e na intercessão de Cristo nos guardará firmes e inabaláveis em meio das tentações que estão sobre nós como Igreja Militante». (E G. White em *Review & Herald*, 9 de Junho de 1896).

Mas este poder protector de Cristo não deixa prover às fraquezas humanas. «Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo para que não pequeis: e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo». (L. João 2:1).

«Jesus ama os Seus filhos, mesmo se eles erram. Eles pertencem a Jesus, e devemos tratá-los como a aquisição do sangue de Jesus Cristo... Ele guarda os Seus olhos sobre eles, e quando fazem pelo melhor, clamando a Deus por ajuda, podem ter a certeza de que o serviço será aceite embora imperfeito. Jesus é perfeito. A justiça de Cristo é-lhes imputada, e Ele dirá: Tirai-lhe estes vestidos sujos e vesti-lhe um vestido novo. Jesus completa as nossas deficiências inevitáveis». E. G. White, citado em N. F. Pease, *By Faith Alone*, pág. 241.

Todas estas maravilhosas certezas e promessas estão conjugadas no tempo presente. São elas agora o resultado do amor, do ministério, da mediação do Cristo vivo. Amando homens e mulheres como Ele os ama, e pelos quais Ele pagou um preço tão grande, Ele trabalha constantemente a favor deles. A única limitação que pode fazer por eles é motivada pela falta de fé deles. A Sua mão misericordiosa estende-se constantemente, mas é só quando o homem a atinge pela fé e segura a Sua mão, que ele

pode ser elevado acima da atmosfera paralizante do mundo.

Oxalá que esta grande verdade, a mediação de Cristo a nosso favor venha a fazer a profunda impressão que deve fazer em nossas almas! Ele tem tudo quanto precisamos — amor, perdão, poder para vencer, paz, alegria, fé e conhecimento profundo. Todas estas bênçãos Ele está deseioso de derramar sobre nós; mas a Sua liberalidade para conosco é limitada pela nossa falta de submissão a Ele. Esta relação com o Cristo vivo, existe numa base diária. Constantemente Ele bate à porta. Logo que abrimos, Ele entra para abençoar. Revela infinita paciência para com as nossas impertinências, e uma simpatia ilimitada para com as nossas fraquezas. O Seu maior desejo é restaurar, salvar. A Sua atitude é a de um pai dedicado, magnificado, purificado e enriquecido.

Mas há um outro lado do ministério de Cristo no Santuário Celeste. Ele preside ali, não só como mediador, mas como juiz. «O Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo». (S. João 5:22).

«Ele cumpriu uma fase do Seu sacerdócio morrendo na cruz pela raça caída. Está agora a cumprir outra fase advogando diante do Pai o caso do pecador arrependido e despertado na fé, apresentando a Deus as ofertas do Seu povo. Tomando a natureza humana e nesta natureza vencendo as tentações do inimigo, tendo perfeição divina, a Ele foi entregue o juízo deste mundo. O caso de cada um será trazido em revista diante d'Ele. Pronunciará as sentenças retribuindo a cada um segundo as suas obras.» (*The S. D. A. Bible Commentary*, E. G. White Comments, sobre Heb. 4: 16-16, pág. 929).

Uma compreensão acertada de 1844

Este juízo, cuja fase final começou em 1844, muitas vezes tem sido mal compreendido. Não devemos imaginar nosso Senhor envolvido num processo de contabilidade celeste, decidindo a salvação do homem numa base de crédito e débito para sua conta. Qual é o verdadeiro significado da nossa mensagem quando proclamamos a advertência: «Vinda é a hora do Seu juízo»

(Apoc. 14:17)? Qual é a razão do juízo, e qual é o critério em que o homem há-de ser julgado? A resposta é sugerida na seguinte citação:

«Todos os que verdadeiramente se tenham arrependido do pecado e que pela fé hajam realmente reclamado o sangue de Cristo, como seu sacrifício expiatório, tiveram o perdão apostado ao seu nome, nos livros do céu. Tornando-se eles participantes da justiça de Cristo e verificando-se estar o seu carácter de harmonia com a Lei de Deus, os seus pecados serão riscados e eles próprios considerados dignos da vida eterna». (O Conf. dos Séculos, pág. 354).

Toda a ideia deste julgamento — por vezes chamado juízo investigativo — repousa na promessa de que o homem é salvo pela graça de Deus por meio da fé. A salvação não é obtida por decreto divino, nem por resultado da obra do homem. Figurativamente, Deus é descrito como «investigando» para determinar se cada um é salvo ou perdido. Ele procura saber — humanamente falando — até que ponto o indivíduo se arrependeu e «pela fé haja reclamado o sangue de Cristo... como sacrifício expiatório». Cada pessoa que preenche estas condições foi perdoada e recebe a justiça de Cristo, a qual resultou num carácter aceitável. Este «juízo investigativo» é tão-somente mais uma maneira de descrever a operação do evangelho. É uma expressão gráfica para descrever a necessidade absoluta da fé em Cristo como base da salvação.

O longo período do ministério de Cristo no céu está a chegar ao seu fim. A Sua mediação continua até ao fim, mas ao mesmo tempo desta mediação começada em 1844, há um julgamento. Cristo tem que certificar — uso este termo à falta de outro melhor — que cada salvo merece sê-lo porque aceitou a graça de Deus por meio da fé. Ele tem que revelar a um universo interessado e ansioso a base da Sua exigência nos homens e mulheres que remiu. Ele deve mostrar que a Sua graça renovou os que aceitaram e que o Seu amor foi reflectido nas suas vidas. Ele deve justificar o Seu perdão para os pecados deles na base da boa vontade deles em

perdoar, traço esse de carácter que raras vezes se encontra numa natureza humana não regenerada. Num universo em que milhões estão sobrando em trevas eternas, Ele deve justificar a Sua eleição para a vida eterna, de todos aqueles que crêem.

Segurança em Cristo

Se há-de haver recompensa e castigo, há-de haver julgamento; e o tempo lógico para o juízo é imediatamente antes da vinda de Jesus. Nós que o adoramos podemos sentir-nos seguros de saber que o nosso juiz é também o nosso advogado. Aquele que decide o nosso destino deu a vida por nós.

Sendo isto verdade, podemos ter a certeza de que ninguém que possivelmente se pode salvar, se poderá perder. Ninguém poderá invocar a negligência divina ou a injustiça. Ninguém se perderá por acidente ou fatalidade fora do Seu controle. *Há segurança em Cristo.* «Porque eu sei em quem tenho crido, e estou bem certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele dia». (II Tim. 1:12).

O Cristo ressuscitado, nosso Mediador e Juiz é tão real quanto o era quando apareceu a Maria Madalena perto do túmulo, ou aos dois discípulos a caminho de Emaús ou a Pedro na praia.

E tem tanto interesse e desvelo para nós, seus crentes, como quando enxugou as lágrimas de Maria, ou dissipou os temores dos discípulos, resolveu as dúvidas de Tomé, ou perdoou os pecados de Pedro. Agora, sem limite de espaço ou de tempo Ele está apto a satisfazer as necessidades de toda a humanidade, em toda a parte.

John Bunyan, autor do «Peregrino», relata a experiência seguinte:

«Um dia eu estava triste, julgo eu que mais triste do que qualquer outro momento da minha vida, e esta tristeza era de realizar só agora a grandeza e a hediondez dos meus pecados. E, enquanto eu não esperava por mais nada senão pelo inferno e a destruição eterna da minha alma, de repente como o pensamento, eu vi o Senhor Jesus olhar dos céus para mim e dizer-

-me: 'Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo'.»

«Mas eu respondi: 'Senhor, eu sou um grande pecador'. E Ele disse-me: 'A minha graça te basta'. Então o meu coração se encheu de alegria, os meus olhos de lágrimas, e os meus afectos foram arrebatados para o nome, o povo e o caminho de Jesus Cristo.»

Esta experiência pode vir a qualquer que sinceramente ama o Senhor, e Ele não está longe de nós. Ele é o Cristo *vivo*.

Ele bate à porta de cada alma a quem deu vida. Aos Jovens e vigorosos Ele diz: «Vem, segue-me», aos velhos e cansados Ele diz: «Eu vos darei descanso». Aos pecadores Ele diz: «Nem eu te condeno, vai e não peques mais», e aos santos diz: «Vinde benditos de meu Pai».

O Santuário da antiguidade era o lugar dum novo começo. O pecador podia receber perdão e esperança para o futuro. O crente podia receber certeza e conhecimento. Este santuário era um símbolo do céu, do lugar onde Deus, Cristo e os anjos habitam. Sabemos muito pouco acerca deste centro do universo; mas foi-nos revelado que há alguém que habita ali, que há dois milénios tomou a natureza humana para que pudesse salvar a humanidade. A Sua graça redentora irradia deste distante lugar, qual possante e poderoso raio electrónico, dirigido a este mundo necessitado. Esta mensagem do além pode ser detectada por aqueles que possuem fé e pode transformar as suas vidas. E, uma vez que a ligação está feita, as mensagens vão num sentido e noutro nesta onda — as nossas orações irrompem para o céu, e a Sua resposta volta a nós.

Esta é uma disposição gloriosa, mas ela dará em breve lugar a outra ainda melhor. O Mediador virá em breve para reunir os Seus. Ele os levará com Ele, para que eles estejam ali no céu também. Até que este dia chegue, sejamos gratos ao Senhor por nos dar a conhecer que o céu e a terra, embora tão distantes, não estão sem comunicação; e que o amor de Cristo para os Seus é tão grande agora como foi antes e como será pela eternidade...

«Inflexível como o alto Cedro»

Por ANEES A. HADDAD

«Foram apedrejados, serrados, tentados, mortos ao fio da espada; andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados aflitos e maltratados (dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, e montes, e pelas covas e cavernas da terra». (Heb. 11: 37-38). Estes eram homens e mulheres de Deus que «não amaram as suas vidas até à morte»; homens e mulheres que diferem das massas porque estavam dispostos a morrer pelos princípios que criam. A não ser que uma pessoa tenha alguma coisa pela qual está disposta a morrer, tem muito pouco para viver. A maior necessidade do mundo de hoje é de homens e mulheres com tal fé visão e a mesma fibra.

Os tempos em que vivemos são tão carregados de maldade e pecado que cada filho de Deus a caminho do céu necessita estar incessantemente alerta. Mesmo os crentes mais piedosos da igreja não podem permitir-se adormecer no seu posto de vigia, porque «ninguém está tão firme nos rectos caminhos que esteja livres das tentações». (*Testimonies*, vol. 7 pág. 166). Para um certo irmão, a Irmã White escreveu «A vossa salvação depende de agir por princípio, de servir a Deus por princípio, não depende dos sentimentos ou dos impulsos.» (Ibid., pág. 698). Em tempo algum podem os cristãos abandonar os rectos princípios e estar seguros. Os fiéis mencionados em Heb. 11 atingiram uma tal maturidade na sua experiência religiosa que estavam dispostos antes a morrer do que sacrificar os princípios. A não ser que os membros da Igreja sinceramente creiam que «aqueles que preferem morrer do que fazer uma acção errada são os únicos que permanecerão fiéis» (ibid. Vol. 5 pág. 53), há perigo que ouçam as palavras: «Apartai-vos de mim», em lugar de: «Vá bem contigo.»

Altos Cedros

Daniel «procurou viver em paz com todos, sendo contudo *inflexível como um alto cedro* quando os princípios eram envolvidos». — *My life today*, pág. 75. Isto é a figura mais adequada para o cristão que toma posição pelos princípios «ainda que os céus caiam». No Salmo 104:16 os cedros do Líbano são chamados «as árvores do Senhor... que Ele plantou». De facto, descrevendo Jesus como o noivo, a Bíblia dizia d'Ele: «O Seu parecer é como o Líbano, excelente como o cedro» (Cantares 5:15).

Os profetas da Bíblia comparam os fiéis a coisas tais como jardins, fontes, formosos outeiros. O Espírito de Profecia assegura-nos que o majestoso cedro, como símbolo, «é uma das mais notavelmente belas e apropriadas que se encontram na Palavra inspirada».

Os cedros «penetram suas raízes profundamente por entre as pedras das montanhas, e erguem-se com ousadia em desafio às tempestades. As suas folhas estão frescas e verdes, quando tudo mais pereceu com o sopro do inverno. Acima de todas as outras árvores, distingue-se o cedro do Líbano pela sua força, firmeza, e seu imperecível vigor; e isto é usado como símbolo daqueles cuja vida 'está escondida com Cristo em Deus'. Diz a Escritura: 'O justo... crescerá como o cedro'...

O cedro é repetidas vezes empregado como emblema da realeza; e o seu uso nas Escrituras para representar os justos, mostra como o céu considera aqueles que fazem a vontade de Deus. «*Patriarcas e Prof.*» pág. 475.

Ser verdadeiros aos princípios

Como membros do corpo de Cristo, o nosso apego aos princípios deve ser tão inflexível como o alto cedro. Numa época de fraqueza

moral e de depravação devíamos distinguir-nos pelo vigor da nossa fé. Num mundo sem leis e enganoso devemos ser conhecidos pela firmeza do nosso carácter. Tomando posição pelo que é recto, e preferindo a morte a uma vida de vergonha e pecado, apresentamos o espectáculo ao universo inteiro dum vigor inalterável, porque as nossas vidas estão escondidas «com Cristo em Deus». Que conforto teríamos se nos lembrássemos de que «Deus nunca abandona aquele que é verdadeiro aos princípios». (*The S.D.A. Bible Commentary*, E. G. White Comments on I Chron. 22:13, pág. 1128). Os fiéis de todas as épocas foram fracos e desamparados, tão fracos e humanos como qualquer de nós; mas possuíam dois traços: eram «tão fiéis aos princípios quanto o aço» e «fizeram de Deus a sua confiança». (*Mensagem aos Jovens*, pág. 33). É ali que reside a diferença entre o êxito e o fracasso.

No seu livro «Deixe de se esconder do êxito» Carlos Cerami estabelece um princípio verdadeiro ao dizer: «Lembre-se que a coisa certa a fazer é sempre a mais simples, afinal de contas» — pág. 143. Pode não ser a mais fácil na altura, porque fazer o que está certo muitas vezes cria problemas e dificuldades. Mas os problemas são o carburante do progresso, e sem dúvida é preciso uma dose de coragem cristã para aderir ao que é recto. Contudo, tristemente o constatámos, «poucos têm a coragem suficiente e o domínio próprio para agir por princípio». (*Fundamentals of Christian Education*, p. 71). A firmeza de princípio devia ser parte integrante do modo de vida diário do Adventista. Ou mantemos os princípios, ou caímos diante do diabo. Haverá oposição — muita oposição. «E ninguém pode ser fiel aos princípios sem excitar oposição» — *O Desejado de todas as Nações*, p. 273.

Pode um cristão permitir-se de não ser verdadeiro aos princípios? Não é verdade que quando uma pessoa sacrifica habitualmente os princípios em pequenos pormenores, ela descobre que em breve a distinção entre o que é bom e o que é mau se torna confusa até que desaparece? Os que recusam uma vez ou outra seguir a norma de estrita honestidade rolarão pouco a pouco para o abismo da ruína eterna. Por outro lado, «O Senhor dará graça e glória, não negará bem algum aos que andam na rectidão.» (Salmo 84:11).

Os que quebram os princípios

No mundo de hoje encontramos três categorias de pessoas que quebram os princípios. Primeiro, os que professam ser cristãos e não têm respeito por tais coisas como honestidade, veracidade e justiça. O seu próprio interesse dominante leva-os a desprezar todo o princípio básico da vida piedosa. Estes precisam de ser convertidos à beleza da vida cristã. Eles precisam de provar e ver que o Senhor é bom.

O segundo grupo, que pode comprometer os princípios, são as pessoas que têm nascido de novo, os quais estão a combater todo o pecado conhecido e mau hábito, mas que na sua fraqueza humana falham ocasionalmente em manter os princípios. Quando verificam que cairam, erguem-se pelo poder do Mestre, o qual prometeu «A minha graça te basta». Estes conhecem a alegria duma vida vitoriosa — Êxtase de triunfo sobre o pecado e sobre o Eu. Ao mesmo tempo reconhecem bem a futilidade de depender da sua própria justiça. Seguem para a frente, para o Reino de Deus, guiados pelos eternos princípios cristãos. Eles sabem o que é justo, ainda que poucos o tenham considerado como tal. Humilde e terminantemente, em privado como em público, eles alinham somente por aquilo que é recto. Eles reivindicam a promessa de Cristo: «Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no Seu trono.» (Apoc. 3:21). Benditos sejam, pois grande é a sua paz.

Terceiro por entre os que quebram os princípios são os cristãos nominais. Como o camaleão, estão sem cor própria, incertos. Estes consideram as obras tenebrosas e práticas pecaminosas como «males necessários». Quanto mais se tornam negligentes nesta sua maneira de ser, mais lhes parece necessário ser assim, e menos mau parece aos seus olhos.

O perigo para eles e para os outros é extremamente grande. Outros seguem o seu exemplo e atentam para eles, porque parecem ser virtuosos e piedosos. Tais pessoas são os instrumentos mais valiosos de Satanás, os seus aliados mais seguros. «O mais forte baluarte do vício no nosso mundo não é a vida iníqua do pecador declarado ou do degradado proscrito; é a vida que parece virtuosa, honrada e nobre, mas em que se alimenta um pecado ou se acaricia um vício.» *Educação*, P. 150.

O mundo está cheio de influências que tendem a sapor a energia cristã e fraquejar a experiência espiritual. Sabendo isso, nosso Senhor deu à Sua Igreja mensagem sobre mensagem para ser forte e ter bom ânimo, de permanecer firme, de ser tão fiel aos princípios como a bússola ao polo. O grande apóstolo Paulo formulou igual apelo à Igreja por meio do seu exemplo. Ele aceitou estas palavras proferidas pelo profeta Isaías como o programa da sua vida: «Confortai as mãos fracas, fortalecei os joelhos trementes. Dizei aos turbados de coração: esforçai-vos, não temais; eis que o vosso Deus virá» (Isa. 35:3-4). Reparai como Paulo retransmite esta mensagem de tempos a tempos durante a sua vida de serviço. À igreja de Corinto ele escreveu: «Portai-vos varonilmente e fortalecei-vos» (I Cor. 16:13). Durante o seu ministério, este herói cristão devia ter recebido muita inspiração deste majestoso exército de homens e mulheres pelos séculos fora, cuja vida era caracterizada pela coragem, perseverança e fé. Percorreu toda a terra, encorajando os crentes, confirmando as igrejas, visitando os crentes para animá-los a permanecer como os bravos, e ser fortes. Depois de passar algum tempo em Antioquia, «partiu, passando sucessivamente pelas províncias da Galácia

e da Frígia, confirmando a todos os discípulos» (Actos 18:23). Esta foi uma das maiores consecuições de Paulo. Somente a eternidade revelará o pleno significado da sua ida por todo o país, com o fim de «confirmar os discípulos».

Muitas vidas têm sido salvas para Cristo porque um cuidadoso chefe deu o ânimo necessário na boa altura! Muitas decisões pelo Mestre foram feitas em hora de provação quando um Paulo moderno aparece em cena dizendo: «Portai-vos varonilmente, e fortalecei-vos». Pela sua força, pela sua coragem, pelo seu heroísmo, Paulo era acima de tudo um homem de princípios, seguindo as pisadas de Jesus. É a razão pela qual Ele podia dizer sem hesitação: «Sêde meus imitadores, como também eu de Cristo.» (I Cor. 11:1). Ao terminar o seu apelo aos Efésios, Paulo escreve: «No demais irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do Seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo.» (Efes. 6:10-11).

Jesus de Nazaré

Como poderemos então, como geração que deve ver as cenas finais da grande Controvérsia, atingir o nível que nos é fixado? É imperativo reconhecer logo que não é seguro depender da sabedoria humana ao fazer a escolha diária na batalha cristã. Precisamos de alguma coisa segura, que não possa errar, algo eterno e imutável. A Palavra de Deus, com o seu ideal e princípio, as suas instruções e normas é a constituição imutável das nossas vidas. Do Livro Sagrado recebemos também a inspiração que deriva de contemplarmos como homens e mulheres pecadores como nós, foram capazes de viver para Deus.

Há perigo em querer moldar Cristo para adaptá-l'O ao nosso carácter, em lugar de formar o nosso pelo d'Ele. Gibran, um grande filósofo do Líbano, escreveu: «Uma vez em cada cem anos, Jesus de Nazaré encontra o Jesus dos cristãos num jardim entre as colinas do Líbano. Conversam ambos demoradamente, e de cada vez Jesus de Nazaré se vai embora di-

zendo ao Jesus dos Cristãos: 'Meu amigo, receio que nunca, nunca estejamos de acordo'. Como é que o genuíno pode concordar com a imitação? Pode o princípio concordar com o compromisso e a conveniência? Podem a justiça e a verdade concordar com a injustiça e o erro? Pode o direito concordar com

o torto? Não, eles nunca concordarão. Que tremendo repto para a vida, é a árvore cujas raízes agarra a rocha inamovível que permanecerá erguida, qual majestoso monarca, embora açoitado e ferido.

Jesus de Nazaré é o Príncipe de todos os que são inflexíveis como o alto cedro. Tomemos a determina-

ção, pela sua graça, de aderir aos mais estritos princípios da Verdade, a fim de não nos desviarmos, até nos menores detalhes das transações da vida. Assim, quando os ventos soprarem com fúria nos nossos ramos, quando a tempestade fustigar, seremos, como os heróis de Hebreus 11, fortes como o alto cedro.

Quinta-feira, 11 de Novembro

«Não envergonhado do Evangelho»

Por PAUL H. ELDRIGE

A pequena noiva etíope olhou seriamente o rosto dos parentes do seu marido que se juntavam em volta dela. O que ela via não era muito animador. Alguns mostravam interesses, outros pareciam zombar. Pela maior parte era um olhar de surpresa.

«O povo vai dizer que és doída, Mulunesh! Não sabes que alguém recém-casada não deve aparecer na presença de outros por muitos meses?»

Mulunesh baixou os olhos. Mais alguém falou, suavemente, mas com intenções óbvias, «os cantos que estais a cantar são muito bonitos; e é muito interessante o que lês no Livro. Mas não tens vergonha de aparecer diante de nós?»

Abrindo o Livro que tinha na mão, Mulunesh virou rapidamente as páginas. Então, numa voz clara ela leu: «Porque não me envergonho do Evangelho de Cristo: é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê.»

Ela tinha um modo tão cativante que os parentes do marido perdoaram-lhe a quebra do período de seis meses de reclusão devido a uma noiva. Todos os dias eles se juntavam à roda dela enquanto ela cantava hinos que falavam do Evangelho, lia a Bíblia e contava a história de Jesus. Mulunesh tinha sido criada num lar adventista. Ela tinha instruído Wachido, seu marido, na mensagem, antes do seu noivado e ele foi baptizado antes do casamento. Agora, impressionada com o seu fervor e pelo seu modo de vida

tão cristão, a família do seu marido também aceitou a Jesus.

Este novo pequeno lar tornou-se uma igreja. Mulunesh cantava para os que se juntavam, e Wachido lia a Bíblia. «Os teus cantos trouxeram-nos das trevas para a luz.» disseram os 30 crentes que em breve se reuniram. Pouco mais de um ano depois, o pastor Gebre Kristos, da Missão Etíope do Sul, baptizou 23 destes, na altura em que ele escreveu esta história, 40 mais se estavam a preparar para o baptismo, todos como resultado da luz elevada bem alto por aquela noiva etíope que «não se envergonhava do Evangelho de Cristo.»

Ao ouvir as palavras: «Não me envergonho do Evangelho» podemos chamar uma onda crescente de evidência duma multidão de testemunhas que alegremente testifica a verdade de que — o Evangelho de Cristo é o poder de Deus para a salvação.

A evidência vem em forma de história vinda à volta de todo o mundo. Histórias verdadeiras que sublinham o poder único do Evangelho a penetrar barreiras, para recompor vidas, para conceder desassombra da coragem, e inspirar paixão vibrante para o serviço.

Para Damiano Sandim, a barreira era a superstição. A sua história é contada pelo Pastor P. P. Ramos. Damiano vivia num lugar isolado da ilha de Mindanao, nas Filipinas. Era um adorador da natureza. Os seus deuses eram ídolos

em forma de pássaros, feitos de madeira e pedra. Uma noite Damiano teve um sonho. Do meio de uma luz muito brilhante, ouviu a voz de Deus: «Deves procurar a verdadeira religião», disse a voz; e quando acordou, Damiano vergantou a si mesmo como havia ele de a procurar. Então alguém colocou nas suas mãos as primeiras lições do Curso Bíblico por correspondência da «Voz da Profecia». Alguns meses depois, convencido que ele tinha achado a verdadeira religião, foi baptizado pelo Pastor Severino Tangjal, e agora é membro da Igreja Adventista de Kalasungay.

Com a menina Seelawthie Premaratne a barreira era uma piedosa crença na religião budista. Quando entrou no Instituto de Ensino de Lakpahana, a nossa escola superior no Ceilão, tinha tomado a determinação de que nunca se tornaria cristã.

Ainda agarrada a esta determinação, ela mudou-se para o Giffard Memorial Hospital em Nu-zwd, no sul da Índia, para estudar enfermagem. Ali, contudo a vida piedosa das suas colegas e instrutoras começou a fazer-lhe impressão. Através deste testemunho silencioso, o poder do Evangelho penetrou para além das barreiras e Seewthie deu o seu coração a Jesus. O Pastor E. C. Beck conta como, apesar da grande oposição da sua família, ela abraçou a fé; casou com um técnico de laboratório, e agora ela

e o seu marido, J. S. Rajah, são obreiros no Centro Médico de Kandy, Ceilão.

O Sonho de Simão

Temos agora, Simão, um rapaz de 18 anos, de Manakwari, West Irian, cuja história é contada pelo Pastor Gilbert Oliver. Simão trabalha na fazenda da nossa missão. Uma noite teve um sonho em que ele se encontrava estudando a Bíblia com o pai, a mãe e dois rapazes que ele não conheceu. Quando acordou, achou que devia fazer como ele tinha visto que fazia no sonho — achar estas pessoas e estudar a Bíblia com elas. Indo encontrou o rapaz que reconheceu ser um dos do sonho. Ele o reteve e começou a conversar.

«Meu nome é Simão, e gostava de conhecê-lo.»

«Engraçado», respondeu o novo amigo, «Meu nome também é Simão!»

«A noite passada tive um sonho fora do comum», disse o Simão n.º 1, «E o meu amigo é uma das pessoas que vi no meu sonho. Estávamos a falar acerca da Bíblia.»

O Simão n.º 2 parou e olhou espantado para o seu novo amigo. «E eu, também tive um sonho na noite passada. Sonhei que um rapaz vinha ter comigo na rua e começava a falar-me da Bíblia. Foi por causa deste sonho que vim à cidade hoje.» Assim o Simão n.º 2 ingressou na classe baptismal. Esperamos que o Simão n.º 1 possa trazer os seus pais para a verdade e que achará ainda o outro rapaz não identificado que viu no sonho.

Efeito do Evangelho na América Latina

Glória Cântara é uma heroína do Evangelho. A sua história é contada pelo Pastor A. R. Norcliffe, presidente da União das Antilhas.

Glória, que tem apenas 13 anos, vive na República Dominicana. Frequenta uma escola sabatina anexa dirigida pela Sr.^a D. Encarnación na cidade de S. Juan de la Maguana. Os seus irmãos e irmãs tentaram retê-la em casa escondendo-lhe a roupa e os pais faziam-lhe muita oposição. Um dia o pai veio ao lugar da reunião e

arrastou-o brutalmente para fora da escola sabatina. Uma outra vez ameaçou matá-la. Mas Glória disse simplesmente: «Jesus morreu por mim». Finalmente, vendo que as ameaças não serviam de nada, o pai cedeu, e Glória foi baptizada. Presentemente, está a estudar no nosso colégio de S. Domingos.

Agora é a vez de Manuel Quilca, da Bolívia. Pouco depois do seu baptismo, enquanto estava a trabalhar no quintal da sua casa foi atacado por uma multidão enfurecida que o apedrejou e lhe bateu com paus. Embora muito ferido, sobreviveu. Mais tarde tornou-se obreiro, e de então até agora, duas vezes teve que enfrentar a fúria da multidão. Uma destas multidões incendiou a casa dele enquanto o povo batia nele e na sua esposa quase até à morte. A sua filha de cinco anos pereceu no incêndio.

E agora, o que diz o Manuel?

Ele escreve: «Estes incidentes não me assustaram, mas antes pelo contrário encheram-me de coragem. Eu estou pronto a continuar combatendo para que a Obra de Deus possa avançar e a vinda do Senhor abreviada.» Manuel Quilca «não se envergonha do Evangelho!»

É uma coisa maravilhosa — este «poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê.» Não pára de trabalhar quando o próprio indivíduo aceitou a Cristo. Não somente faz dum novo cristão um combatente corajoso contra os assaltos de Satanás; também enche da paixão de procurar os que precisam de auxílio.

Redson de Malamulo

Da Professora W. W. Gill, do Colégio de Malamulo, na Niassalândia em África, vem uma história que ilustra como o Evangelho tem poder para lançar uma ponte sobre o grande abismo entre a mesquita maometana e a verdadeira igreja de Deus. É a história de Redson Mpita. Redson é o filho mais velho dum homem que em tempos desempenhou uma posição de relevo na mesquita maometana. Apesar dos protestos dos seus pais ele inscreveu-se na escola adventista onde trabalhava arduamente para ganhar os seus estudos. Finalmente foi baptizado, e assentou na sua

mente tornar-se obreiro na Obra do Senhor. Foi nesta altura que recebeu uma mensagem dos seus pais.

«Por favor, volta para casa», diziam — «Não te veremos por muitos anos. Nem sabemos como parecerás depois de crescido. E tu não sabes como as coisas vão por aqui. Por favor, volta para casa.»

Redson sabia que se regressasse a casa, podia nunca mais voltar ao colégio de Malamulo. «Eu não posso ir.» respondeu ele, «a viagem custar-me-ia muito dinheiro, e não há trabalho aí na aldeia onde eu possa ganhar o que preciso para seguir o meu curso.»

Deus abriu o caminho para Redson ir a Malamulo. No fim tornou-se professor. Começou, depois a preocupar-se bastante a respeito dos seus pais e de outros membros da família. Numas férias recebeu a permissão de ir pregar o Evangelho na sua aldeia natal. Ficou com os seus pais. A mãe e as irmãs responderam à sua mensagem mas o pai, embora parecesse crer, não podia convencer-se a abandonar a sua alta posição na mesquita.

Um dia Redson sentiu-se impedido a ter uma conversa muito a sério com o pai.

«Pai, não quer aceitar a oferta da salvação?» perguntou ele. «Não quer pedir a Deus para o perdoar e salvar? O que deseja ser quando a vida terminar? Onde deseja estar durante a eternidade? Nós o amamos, e queremos estar no reino dos céus, mas queremos que esteja também connosco.»

Deixando o pai pensar maduramente neste assunto, Redson saiu, procurou um lugar sossegado, e orou com muito fervor. Quando voltou, o pai disse-lhe: «Já tomei a minha decisão. Eu também quero ser cristão.»

Na vez seguinte que Redson voltou à terra foi para assistir ao baptismo de seu pai, da mãe, das irmãs e dos cunhados — todos ganhos do maometismo. Redson Mpita «não se envergonha do Evangelho de Cristo» e dedicou a sua vida a trabalhar a favor dos seguidores da religião maometana.

Urbano Castillo, de Mindoro

Como se poderia explicar de outra forma as realizações de Urbano Castillo? O irmão Castillo vive na

ilha de Mindoro, nas Filipinas. Adventista do Sétimo Dia, é um leigo e trabalha como técnico-dentista. Vivendo numa área em que não há muitos dentistas, ele faz quase tudo o que um dentista pode fazer. É a sua maneira de ganhar a vida, mas dificilmente se pode chamar a isto a sua carreira. Porque o irmão Castillo é um dedicado ganhador de almas. De pequena estatura, não faz grande impressão à primeira vista; é, contudo, entre os evangelistas não oficiais das Filipinas, o mais eficiente. O irmão Castillo tem agora a idade de 67 anos, mas já viu mais de 900 dos seus convertidos a Cristo baptizados na Igreja Adventista!

O poder único do Evangelho

Numa recente visita à Tailândia, achei uma história que inclui quase todos os factos do poder único do Evangelho. Foi na cidade de Chiang Mai, a três horas de avião de Bangkok. Aí temos uma excelente clínica dentária moderna dirigida pelo Doutor M. Clark Lamberton, que tem a esposa por assistente. A clínica está a fazer uma obra maravilhosa, mas não foi aí que encontrei a história. Esta veio em pequenos fragmentos que pareciam sem nexos. O primeiro que eu vivi foi quando, a caminho do aeroporto, a senhora casualmente fez o reparo: «Temos em casa um bebé de três meses que é viciado de ópio». Um viciado de ópio aos três meses?

Alguns minutos mais tarde vimos o bebé. Era uma coisa pequenina terrivelmente magra, mas chupando um biberon de bom leite. Parecia estar a fazer-lhe muito bem. O pai

do bebé, da tribo Mao das montanhas, cuja esposa tinha morrido algumas semanas atrás, era um fumador de ópio. Tinha pedido ao Dr. Lamberton para o ajudar a quebrar o hábito e, depois de uma luta terrível, conseguiu. Agora tinha trazido o bebé. Os Lambertons não sabiam o que não estava bem naquela criancinha, mas em dois ou três dias, manifestou exactamente os mesmos sintomas que se observam nos adultos que procuram lutar contra o vício do ópio.

Desconfiados, perguntaram ao pai: «Deu ópio ao seu bebé?» Este baixou a cabeça. «Ele gritava tanto, e eu estava tão triste, que quando fumava o meu ópio, soprava o fumo para a cara do bebé. Então ele deixava de chorar ...»

Era quase uma tragédia. Mas agora, tanto o pai como o filho estão livres da maldição do ópio. Gradualmente eu fui capaz de pôr em ordem os acontecimentos da história. O povo da tribo Mao ganha a vida cultivando as flores do ópio. Muitos dentre eles se tornam viciados, quase por via de regra. Mas ouviram falar da bondade do Dr. Lamberton. O primeiro a vir mendigar ajuda foi um ferreiro, cuja força foi gasta por aquele hábito horrível. Com uma oração no seu coração, o Dr. Lamberton iniciou uma tarefa colossal. Ele disse ao homem quão duro isto iria ser. Fez-lhe reparar que os maus espíritos que a tribo adorava procurariam mantê-lo escravo do ópio, mas que o grande Deus do Céu podia ajudá-lo. E Deus o ajudou realmente. Este homem curou-se.

Quando este ferreiro voltou para a sua tribo, forte e limpo, a notícia

correu. Logo o Dr. Lamberton teve um grande número de pessoas que queriam ser curadas do hábito do ópio. Estabeleceu um sistema regular, que principiava por certificar-se de que eles entregavam toda a porção de ópio que traziam consigo. Então, insistindo para que ficassem no território da missão, até que ele lhes desse alta, o Dr. Lamberton usava a persuasão, a psicologia, calmantes e a maravilhosa graça de Cristo para acompanhá-los nas terríveis agonias da retirada do vício. O sistema teve êxito. 16 viciados foram curados, um foi baptizado, e vários mais estão a pedir o baptismo.

Estando a história a chegar ao seu epílogo, pensei: Que ilustração maravilhosa do poder do Evangelho! Poder para penetrar o muro da superstição; poder para quebrar as grilhetas do vício do ópio; poder para transformar o rude povo das montanhas em filhos do Rei Celeste; poder para inspirar um dentista cristão a ir muito além da sua tarefa prescrita, para responder ao repto duma grande necessidade.

A estas histórias poderia acrescentar-se ainda um vasto coro de vozes, dando todas testemunho eloquente do poder transformador de vida da mensagem celestial. E não teremos todos nós sentido um movimento misterioso nestas forças divinas? Já sentistes este poder? Não quereis repercutir alegremente o eco do grande grito de confiança do apóstolo: «Porque não me envergonho do Evangelho de Cristo: é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê?»

Sexta-feira, 12 de Novembro

«Para que o vosso gozo seja completo»

Por JOHN H. HANCOCK

«Venha, a água está tão boa!»

Quantas vezes estas palavras foram ditas por um banhista para alguém de pé na margem, que hesita a dar o seu mergulho. Este é um convite tranquilizante ao recém-che-

gado quando ele receia que a água esteja muito fria, e se fica apenas a ver os outros gozar o seu prazer. O banhista já está na água e sente o bem que sabe. Porque será que o outro na margem ainda espera?

Através dos tempos o convite tem vindo, formulado por aqueles que beberam da água da Vida. «Provai e vede que o Senhor é bom» (Sal. 34:8). Isaías proclama: «E vós com alegria tira-

reis água das fontes da salvação» (Isa. 12:3).

David e Isaías podiam ter dito: «Vinde, bebei água da fonte da salvação, a água é tão boa!»

Este é o testemunho dos cristãos em todas as eras; a vida piedosa é uma vida de grande alegria. «Os que em todas as coisas consideram Deus o primeiro, o último e o melhor, são as pessoas mais felizes do mundo.» (*Mensagem aos jovens*, p. 38). O cristianismo não é um monte de proibições. Não é um desmancha prazeres. A profissão de servir a Cristo inclui a posse do Salvador que enche a alma de paz e de alegria como o mundo não pode dar.

Ouçam o Mestre dizer: «Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância» (João 10:10). «Tenho-vos dito isto, para que o meu gozo permaneça em vós, e o vosso gozo seja completo» (João 15:11).

Conta-se a história de que Miguel Ângelo uma vez visitou o estúdio do jovem Rafael, o qual também se tornou um grande artista. Ao observar um desenho de Rafael, Miguel Ângelo tomou giz e escreveu sobre o esboço a palavra «*amplius*», o que significa «maior, mais amplo.» Ele sentiu que o desenho precisava de maior profundidade e mais perspectiva.

Independentemente de quão grande ou próspero um homem possa ser quando medido pelo padrão humano, ele nunca pode alcançar a vida abundante sem o Senhor Jesus Cristo. Falta-lhe a profundidade de perspectiva, paz de consciência, esperança da vida eterna. Se um homem tem Cristo, tem tudo, mas sem este companheirismo, não tem nada. Através de cada vida Deus gostaria de escrever: «*amplius*».

Que tragédia que tantos estejam ainda «pregados» na margem e nunca entrem «no banho» do Cristianismo. São ainda espectadores, talvez fazendo o reparo: «A água está muito fria» ou «tenho medo de experimentar». Alguns podem ter posto o dedo do pé na água, e depois retiraram-no, pensando lá para com eles: «Não é para mim!»

Uma caricatura apareceu recentemente numa revista popular retratando um estudante universitário que se tinha envolvido no sistema

de liberalismo de Tillich, e da demitologização da Bíblia. O estudante exclama: «Isto aborrece-me intimamente; aqui estou a revoltar-me contra o Cristianismo, e não conheço uma palavra acerca dele!»

Isto nos faz sorrir, mas será que todos nós, que temos os nossos nomes nos registos da igreja, sabemos realmente o que significa beber com alegria da fonte da salvação? Teremos experimentado na nossa vida que o Senhor é bom e que o poder do Evangelho para salvar é, no mesmo alto grau, uma realidade? Podemos louvá-Lo e dizer: «Ele vestiu-me com as vestes da salvação, Ele cobriu-me com o manto da Sua justiça? Ou ter-nos-emos apenas contentado em ouvir o testemunho dos que estão no «banho», enquanto temos procurado felicidade nas actividades e concessões ao longo da margem, em prazeres transitórios que muitas vezes acabam em ansiedade e frustração?

À procura da felicidade no caminho errado

Na nossa busca da felicidade temos sido vitimados pela sociedade do materialismo da idade do jacto. A base da felicidade parece depender do grau em que pertencemos aos «que têm» ou aos «que não têm». A economia na «Grande Sociedade» está baseada num consumo crescente de engenhocas, alimentos caros, televisão, viagens, embalagens especiais e «coisas». Os fabricantes de automóveis sabem que o povo tem o desejo insaciável de comprar um carro de um novo modelo antes que o velho se torne realmente ridículo. Como era nos dias de Noé, quando o coração do homem era «só mau continuamente», até o sexo se tornou objecto de preocupação obsidante e confusa nesta corrida furiosa para uma felicidade fugidia. Crescendo num mundo como este, a juventude acha difícil avaliar os verdadeiros valores da vida. Uma adolescente escreveu esta carta para Abigail Van Buren:

«Querida Aby,

«A felicidade é ter o seu próprio quarto... Felicidade é obter num instante a chamada telefónica que

marcaste... Felicidade é ser incluída no círculo popular... Felicidade é saber que se está tão bem vestida como qualquer outra. Felicidade é uma coisa que eu não tenho.»

Assina: «Quinze-anos-e-Infeliz»

«Querida Quinze-anos-e-Infeliz,»

«Felicidade é realizar e que por vezes não se alcança, aquilo por que se orou porque nem sempre é bom para nós. Felicidade é incluir no seu círculo alguém solitário e impopular. Felicidade é guardar a roupa que se tem bem limpa e asseada e não se aborrecer se alguém está «melhor vestido». Felicidade não é algo que se obtém. É algo que se dá».

Assina: «Quinze-anos-e-Feliz»
Richmond, Virgínia,

Bom é cada um de nós perguntar a nós mesmos: «Estou eu amarrado àquilo que as minhas mãos fizeram?» Está a minha felicidade dependente de dar com o botão certo e levá-lo, quer objectos ou pessoas? Se todas as coisas materiais que eu possuo tivessem que desaparecer, será a minha confiança em Deus tão forte que eu possa resistir à tormenta? Terei eu andado tanto no campo do materialismo que me tornei moralmente estéril e frustrado interiormente?

Deus não nos prometeu que estaríamos livres de dificuldades, mas Ele pode encher tão completamente o coração humano que podemos estar livres de aborrecimentos, ansiedades e desassossego. A nossa confiança está num Deus que é bastante grande para manter o insondável universo em união, e ainda suficientemente pequeno para notar que o mais pequeno passarinho caíu. «A perfeita caridade lança fora o temor» (I João 4:18).

Os cristãos podem achar contentamento e segurança na sua relação com o Salvador, porque eles sabem que «Nosso Pai celeste tem mil maneiras de nos prover as necessidades, das quais nada sabemos. Os que aceitam por princípio fazer o serviço do Deus supremo, verão desvanecidas as perplexidades e terão um caminho plano diante de si». *A Ciência do Bom Viver*, p. 430.

Cristo retirou o enfado da religião

Cristo retirou o enfado da religião, e removeu as tradições opressivas que escurecem a mente dos homens por séculos. Ele revelou em si mesmo corporalmente a plenitude da Divindade — um Deus desejoso que as Suas criaturas achem prazer na Sua dextra perpetuamente. É verdade que o nosso Mestre era homem de dores, experimentado nos trabalhos. Ele estava carregado com o peso do mundo. Satanás estava sempre no seu encalço. Nunca esqueçamos, contudo, que Ele se deleitava em fazer a vontade de Deus e que Ele tinha uma radiante personalidade que atraía as criancinhas. Foi logo antes de beber o cálice amargo em Getsemane que Ele proferiu estas magnas palavras: «Tenho-vos dito isto, para que o meu gozo permaneça em vós, e o vosso gozo seja completo». (João 15:11). Este gozo não depende das circunstâncias.

Também é importante realizar que a alegria do critão não é reservada só ao mundo do porvir. Assegurou a Pedro, quando os discípulos meditavam, no sacrifício aparente do pequeno grupo dos seguidores de Jesus, em abandonar tudo e seguir o Mestre, de que havia uma grande recompensa até já nesta

vida. «Em verdade vos digo que ninguém há, que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou campos, por amor de mim e do Evangelho, que não receba cem vezes tanto, já neste tempo, em casas, e irmãos, irmãs, e mãe, e filhos, e campos, com perseguições; e no século futuro a vida eterna.» (Marcos 10:29-30).

Pensamos que é muito bom se neste mundo materialista, recebermos 4,5 ou 5 % de juros na nossa colocação. Mas Cristo prometeu-nos cem vezes mais em troca. Peguem na caneta e calculem a quanto se eleva a razão do juro: ficarão admirados de achar que cem vezes mais é 10.000 % do juro! Estes são os maiores certificados de aforro jamais oferecidos — um título auferindo 10.000 % de interesse nesta vida, e alegria infindável na vida eterna.

Não é de admirar que Cristo prometa «para que o vosso gozo seja completo!»! Teremos vida, e tê-la-emos com abundância. Cristo torna-se a resposta de todos os nossos problemas e o centro de toda a actividade. «Quando o olhar se fixa n'Ele, a vida encontra o seu centro. O entusiasmo, a devoção generosa, o apaixonado ardor da juventude encontram aqui o seu verdadeiro objectivo. O dever tor-

na-se um deleite e o sacrifício um prazer. Honrar a Cristo, tornar-se semelhante a Ele, trabalhar por Ele, será a mais elevada ambição da vida e a sua máxima alegria.» *Educação*, p. 297..

Porque não «provar e ver que o Senhor é bom»? Bebei a longo trago das fonte da salvação. «O Espírito e a esposa dizem: vem. E quem tem sede, venha; e quem quiser, tomê de graça da água da vida.» (Apoc. 22:17).

Aqueles que nunca accitaram Jesus e ainda não se juntaram à Igreja pelo baptismo, aqui está um convite à felicidade e companheirismo com o Salvador e os crentes. Vinde, entrai! Deixai os vossos pecados e as vossas desilusões por não encontrardes um tesouro ilusório; dai o vosso coração a Jesus. «Quando vos entregais a vós mesmos inteiramente a Deus, quando chegardes a cair quebrados aos pés de Jesus, então sereis recompensados por uma vitória, e sentireis uma alegria ainda n u n c a experimentada.» *Testimonies*, vol. IV p. 220.

Ao entrar no conflito final, posamos nós ser capazes de dar o testemunho: «Regozija-me-ei muito no Senhor, a minha alma se alegra no meu Deus; porque me vestiu de vestidos de salvação, me cobriu com o manto de justiça» (Isaias 60:10).

Sábado, 13 de Novembro

“Saí do meio deles e apartai-vos”*

Por ELLEN G. WHITE

A verdade como ela está em Jesus tem brilhado com grande fulgor sobre o povo de Deus. Mandamento sobre mandamento, regra sobre regra, um pouco aqui um pouco ali, a verdade foi dada. Mas a luz que tivemos o privilégio de apreciar não foi devidamente estimada e posta em prática na vida diária.

Por esta razão há tão pouco poder entre nós no momento presente.

Muitos estão a inquirir: «Porque será que temos tão pouca força? Será que os céus estão cerrados? Será que não há preciosas bênçãos guardadas para nós? Será porque o manancial das bênçãos está esgotado e assim não mais as receberemos? Porque será que não temos toda a luz do Senhor? Aquele que foi um homem de dores, experimentado nos trabalhos, ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nos-

sas iniquidades habita num lugar alto e sublime e a glória do Seu séquito enche o templo. Porque esta glória é retida longe daqueles que habitam num mundo de pecado e dor, dificuldades e tristezas, corrupção e iniquidades?»

A dificuldade está em nós. As nossas iniquidades separam-nos de Deus. Não estamos cheios porque não sentimos as nossas necessidades; não temos fome e sede de justiça. A promessa é que se temos fome e sede de justiça *seremos cheios*. A

* Um apelo da mensageira do Senhor publicado na *Review and Herald*, em 2 e 9 de Janeiro de 1900.

promessa é para vós, meus irmãos e irmãs. São as almas sedentas e famintas que serão cheias.

Podemos ir a Cristo assim como estamos, nas nossas fraquezas, com as nossas lacunas e imperfeições, e oferecer as nossas petições com fé. Apesar dos nossos erros, das nossas quedas contínuas, a voz do longânimo Salvador convida-nos: «Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.» Aos necessitados, os fraquejantes, os encurvados debaixo do fardo dos cuidados, das perplexidades, o convite é: Vinde. É glória para Cristo cercar-nos nos Seus braços de misericórdia e amor, ligar as nossas feridas. Ele simpatizará com os que precisam de simpatia, e fortalecerá os que precisam de forças...

Muitos professos cristãos estão bem representados pela vinha que rasteja pelo chão, e que enrola as suas gavinhas pelas raízes e dejectos que jazem no caminho. Para tais a mensagem que vem é: «Saí do meio deles e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada de imundo, e eu vos receberei; e eu serei para vós Pai e sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso.»

Condições para a bênção de Deus

Há condições a preencher se desejarmos ser abençoados e honrados do Senhor. Temos que separar-nos do mundo, e recusar de tocar tais coisas que separam as nossas afeições de Deus. Deus tem o primeiro e mais alto direito sobre o seu povo. Ponde as vossas afeições n'Ele e nas coisas celestiais. As vossas gavinhas devem ser arrancadas das coisas terrenas.

Sois exortados a não tocar coisas imundas; porque tocando-as, vós mesmos vos tornareis imundos. É impossível para vós unir-vos àqueles que são corrompidos e ainda permanecer puros. «Que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial?» Deus, Cristo e as hostes celestiais gostariam que o homem soubesse que se ele se une com os corrompidos ele se tornará corrompido. Ampla provisão foi feita para que fôssemos erguidos dos baixios da terra e que as nossas afeições fos-

sem concentradas sobre Deus e sobre as coisas celestiais.

Porventura a separação do mundo, em obediência à ordem divina nos desqualificará para a Obra que o Senhor nos deixou para fazer? Esta separação nos impedirá de fazer bem aos que estão à nossa volta? — Não; quanto mais apego tivermos ao Céu, maior será a nossa capacidade de ser útil. Devemos estudar o Plano estabelecido, para que o Espírito que habita em Cristo possa habitar também em nós.

O Salvador não se achava entre os exaltados e honrados pelo mundo. Não gastava o seu tempo entre aqueles que procuravam os seus prazeres e conveniências. Trabalhava para ajudar os que precisavam de ajuda, para salvar os perdidos e os que estavam a perecer, para levantar os abatidos, quebrar o jogo da opressão dos que estavam em escravidão, a curar os angustiados, para dirigir palavras de simpatia e consolação aos desamparados e sofredores. Requer-se de nós que sigamos o seu exemplo. Quanto mais partilharmos o espírito de Cristo, mais trabalharemos a favor dos nossos semelhantes. Seremos uma bênção para os necessitados e um conforto para os desamparados. Cheios de amor para as almas a perecer, acharemos deleitoso seguir as pisadas da Majestade do Céu.

As condições de Deus estão postas claramente diante de nós; a questão posta é esta: poderemos nós cumpri-las? Aceitaremos as regras estabelecidas na Sua Palavra — a separação do mundo? Isto não é obra de um momento ou de um dia. Não é cumprida ajoelhando-nos no altar da família e fazendo uma mera oferta de lábios, ou por exortação pública ou oração. É obra de uma vida. A nossa consagração a Deus deve ser um princípio vivo, urdido no tear da vida e levando à renúncia-própria e ao sacrifício de si mesmo. Ela deve apoiar todos os nossos pensamentos e ser dinâmica em cada acção. Isto nos elevará acima do mundo, e nos separará da sua influência corruptora...

O Tempo da prova chegou ao fim

A provação está quase a terminar. No céu em breve a sentença

soará: «Está feito». «Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda. Eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra. «Logo que a última oração em favor dos pecadores for terminada, a última lágrima vertida, a última advertência dada, a última súplica dirigida, a doce voz de misericórdia não mais se ouvirá.»

É por isso que Satanás está a fazer esforços tão poderosos para prender homens e mulheres nas suas armadilhas. Desceu com grande ira, porque sabe que tem pouco tempo. A sua tarefa especial consiste em segurar professos cristãos nas suas fileiras, para por eles perder muitas almas. O inimigo está a jogar o jogo da vida para cada alma. Ele está empenhado em remover de nós tudo o que é de natureza espiritual, e em lugar das preciosas graças de Cristo encheu os nossos corações com maus traços de natureza carnal, ódios, más suspeitas, ciúmes, amor ao mundo, amor ao eu, amor dos prazeres e a soberba da vida. Precisamos de ser fortalecidos contra o insidioso adversário, que está operando todo o engano e injustiça naqueles que parecem; porque a menos que estes males entrarem na alma e perturbarão tudo o que é bom.

Muitos que professam crer na Palavra de Deus não parecem compreender a obra enganadora do inimigo. Não vêem que o fim do tempo está próximo; mas Satanás bem o sabe; e enquanto os homens estão a dormir, ele trabalha. A concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida estão a controlar hoje homens e mulheres.

Satanás está a trabalhar mesmo entre o povo de Deus para causar desunião. O egoísmo, corrupção e males de toda a espécie tomam um domínio firme sobre os corações. Muitos negligenciam a preciosa Palavra de Deus. Novelas ou literatura duvidosa prendem a atenção e fascinam a mente. O que excita a imaginação é avidamente devorado, enquanto a Palavra de Deus é posta de parte.

É porque eles subestimavam a Palavra de Deus que a nação judaica rejeitou a Cristo, pedindo que um salteador fosse libertado e que o Príncipe da vida fosse crucificado. E nestes últimos dias cristãos professos cometem o mesmo pecado: pesados na balança estão achados em falta porque permitem que a sua mente seja sobrecarregada de coisas sem importância, enquanto a Verdade eterna é desprezada. A Verdade de Deus, que poderia elevar, santificar e aperfeiçoar, dá aos homens os últimos retoques em vista da imortalidade, é posta de parte a favor de coisas de menor importância. Oh, que esta cegueira possa desaparecer, e que os homens compreendam a obra que Satanás está a cumprir entre eles!

Tempo de andar com Deus

É nosso privilégio ter sobre nós a luz do Céu. Foi assim que Enoque andou com Deus. Não era mais fácil para Enoque viver uma vida de justiça do que o é para nós no momento presente. O mundo no tempo dele não era mais favorável ao crescimento em graça e santidade do que o é agora. Foi pela oração e a comunhão com Deus que Enoque foi tornado apto a escapar à corrupção produzida no mundo pela concupiscência. Estamos a viver os perigos dos últimos dias, e devemos receber a nossa força da mesma fonte. Devemos andar com Deus.

Requer-se de nós uma separação do mundo. Não podemos permanecer livres da sua poluição a não ser que sigamos o exemplo do fiel Enoque. Mas como tantos são escravos da concupiscência da carne, da concupiscência dos olhos, e da soberba da vida, não são participantes da natureza divina, e portanto não podem escapar da corrupção que está no mundo por esta mesma razão. Vivem para servir e honrar o seu eu. A sua preocupação constante é: Que comerei? Que beberei? Como me hei-de vestir?

Falais de sacrifícios, mas não sabeis o que significa sacrifício, nem dele provastes o primeiro trago. Falais da Cruz de Cristo, professais a fé; mas não tivestes experiência em exaltar a Cruz e levá-la seguindo o Senhor. Se fôsseis participantes da natureza divina, o Espírito que

habita em Cristo habitaria em vós. A Sua ternura e amor, a sua compaixão manifestar-se-iam na vossa vida. Não espereis então que necessitados e desafortunados sejam trazidos junto de vós. Não precisais de ser solicitados para sentir as dores alheias. Devia ser tão natural para vós ministrar aos necessitados como era para Cristo andar a fazer o bem.

Os que professam a religião de Cristo devem compreender a responsabilidade que lhes cabe. Deviam sentir que é um trabalho individual, uma pregação de Cristo individual. Se cada um realizasse isso e empreendesse com firmeza a obra, seríamos poderosos como um exército com bandeiras. A Pomba celestial estaria pairando sobre nós. A luz da glória de Deus não seria mais velada para nós do que o foi para o piedoso Enoque.

A ordem é dada: «Saí do meio deles e apartai-vos». Mas não vos pertence dizer: Não tenho nada com o meu vizinho. Ele está sepultado no mundo; não sou o guarda dele. Precisamente em razão dele estar no mundo tendes alguma coisa a dizer-lhe. A luz vos foi dada; Não deveis escondê-la debaixo do alqueire. Não foi dada exclusivamente para vós. Que a vossa luz brilhe diante dos homens, tal é a ordem. Deixá-la-eis brilhar?

Está entendido que crê que o Sétimo Dia é o Sábado, que crê que a Vinda do Senhor está breve; mas que bem fará isso a seu próximo se não puserdes em prática estas crenças na vossa vida diária? Podeis pretender ser seguidores de Cristo; mas acaso isto beneficiará os que se encontram em vosso redor, se não imitardes o Grande Exemplo? A vossa profissão de fé pode estar tão alta como o céu; mas ela não salvará nem a vós nem a vossos companheiros se não fordes semelhantes a Cristo. A pureza do exemplo fará mais para alumiar o mundo do que toda a vossa profissão de fé. Desta maneira a luz brilhará e outros, vendo as vossas boas obras, glorificarão a vosso Pai que está nos céus.

Se tivésseis só mais uma hora

Oh! que o Senhor nos ajude a sentir o que nunca sentimos dantes!

Se soubésseis que teríeis só mais uma hora de provação, mudaríeis o curso da vossa vida? Não ousaríeis guardar a posição que tendes hoje? E contudo não sabeis se viveis mais um dia. Não podeis chamar vossa uma hora sequer. Não sabeis quão cedo a morte abafará o vosso coração. Não sabeis quão cedo o machado será posto à raiz da árvore, e ouvirá a sentença: «Corta-a, porque está a ocupar a terra inútilmente?» Não acabará agora o vosso estado pecaminoso, com inveja, ciúme e ódio em vosso coração? Se pensais que podeis deixar cair os remos e ainda ir rio acima, estais enganados. É só por meio de zelosos esforços que podereis vencer a corrente.

Força que nunca falha

Quantos há, fracos como a água que poderiam partilhar de uma fonte inexaurível de força. O Céu está pronto a concedê-la, para sermos fortes no Senhor, e atingir a plena estatura de homens e mulheres em Cristo Jesus. Que aumento de poder espiritual adquiristes no passado ano? Quem de entre vós alcançou uma vitória após outra até que a inveja o orgulho, a malícia, o ciúme e o egoísmo seja varrido e que as únicas graças do Espírito permaneçam — mansidão, longanimidade, caridade? Deus vos ajudará se aproveitardes o auxílio concedido.

Estas palavras são verdadeiras, e necessitais delas. Oh! como necessitais de despertar e arrancar a vossa alma das garras do inimigo! Quão zelosa e decididamente deveis entrar na batalha da vida, revestindo toda a armadura de Deus para combater triunfantemente! Satanás está já a tecer a sua rede à volta de vós. Ele não espera que a sua presa lhe seja trazida. Ele rodeia-nos como leão rugindo procurando a quem possa devorar. Mas estará sempre a rugir? Não; quando convém, ao seu nefando propósito, ele baixa a voz até ao cochicho suave e, revestido de adornos de luz aparece como um anjo do céu. Os homens conhecem tão pouco os seus ardis, entendem tão pouco do mistério da iniquidade que ele manobra-os quase sempre a seu bel-prazer.

Muitos que viveram sob a fulgurante luz da verdade agem como se não tivessem nada que fazer. Deus chama cada um de nós a empreender a tarefa da vida, e a entrar na peleja da vida, e a entrar na peleja da vida, e a entrar na peleja da vida. Vós, a quem compraz falar das faltas dos outros, despertai, e olhai para o vosso coração. Tomai a vossa Bíblia e procurai o Senhor em fervorosa oração. Pedi-Lhe que Ele vos ensine a conhecer-vos a vós-mesmos, a compreender as vossas fraquezas e pecados, as vossas loucuras, à luz da eternidade. Pedi que Ele vos mostre a vós-mesmos tal como o Céu vos vê. Esta é obra individual. Cada homem edifica a sua própria casa. Não tendes nada que fazer com os pecados dos outros, mas tendes muito que fazer com os vossos. Em humildade, dirigi a vossa petição a Deus, e não des-cansai nem de dia nem de noite até que possais dizer: Ouvi o que o Senhor fez por mim; até que possais dar um testemunho vivo, e contar as vitórias ganhas.

Jacob lutou com o anjo toda a noite antes de ganhar a vitória.

Quando rompeu a manhã, o anjo disse: «Deixa-me ir, porque já a alva subiu:» Mas Jacob respondeu: «Não te deixarei ir, se me não abençoares». Então a sua oração foi atendida. «Não se chamará mais o teu nome Jacob» disse o anjo, «Mas Israel; pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste.»

Precisamos da perseverança de Jacob, e da fé tenaz de Elias. Uma vez após outra, Elias enviou o seu servo para ver se a nuvem se estava a levantar, mas nenhuma nuvem aparecia. No fim, depois de sete vezes, o servo voltou com estas palavras: «Eis aqui uma pequena nuvem, como a mão de um homem.» Acaso recuou Elias e disse: Não receberei isso como evidência; esperei até que o céu esteja bastante escuro? — Não. Ele disse: É o momento de nos irmos. Ele arriscou tudo sobre este sinal de Deus, e enviou o seu mensageiro diante dele dizer a Acab que vinha ruído de abundante chuva.

Precisamos de Fé

É duma fé como esta que precisamos, fé que segure com firmeza e que não ceda. A Inspiração diz-nos que Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós. O Céu ouviu a sua oração. Ele orou para que não chovesse, e não houve chuva. Orou outra vez, e o Céu deu chuva. E porque não suplicar ao Senhor hoje a favor do Seu povo? Que o Senhor venha a imbuir-nos do seu Espírito! Seja a cortina desviada para compreendermos o mistério da piedade!

Deus vos chama a pôr todas as vossas forças ao serviço da Obra. Tereis que dar conta do bem que podíeis ter feito se estivésseis na posição certa. É tempo de serdes cooperadores de Cristo e dos seus santos anjos. Despertareis? Há almas entre vós que necessitam do vosso auxílio. Tomastes a peito trazê-las junto à Cruz? Lembrai-vos de que o mesmo amor que tendes para com Deus revelará o amor que tendes para com os vossos irmãos e para as almas perdidas, que andam longe de Cristo.

Cristo e a Sua Igreja

Por ELLEN G. WHITE

O Senhor tem um povo escolhido, que Lhe pertence e é Sua fortaleza peculiar que Ele sustenta num mundo revoltado e atacado pelo pecado, e pretende que nenhuma outra autoridade seja exercida sobre ele nem nenhuma outra lei seja reconhecida por ele, senão a Sua própria.

Satanás tem uma grande confederação que é a sua igreja. Cristo chamou-lhe a sinagoga do diabo porque os membros são filhos do pecado. Os membros da igreja de Satanás trabalham constantemente para destruir a lei divina e confundirem a distinção entre o bem e o mal. Satanás está trabalhando com grande poder nos filhos da desobediência e através deles para exaltar

a deslealdade e a apostasia como sendo a verdade e a lealdade...

Presentemente a igreja deve vestir-se com os seus belos ornamentos — «Cristo, justiça nossa». Há diferenças claras e decididas que precisam de ser restauradas e exemplificadas perante o mundo, exaltando os mandamentos de Deus e a fé de Jesus¹. Há apenas uma igreja no mundo que se encontra no tempo presente na brecha, reparando as roturas, reconstruindo os lugares antigamente assolados².

Como o Céu vê a Igreja

Ainda que existam diabos na igreja, e será assim até ao fim do mundo, a igreja nestes últimos dias

deve ser a luz do mundo poluído e desmoralizado pelo pecado. A igreja, enfraquecida e defeituosa, necessitando de ser reprovada, admoestada e aconselhada, é o único objetivo na terra sobre o qual Cristo repousou o Seu olhar supremo. O mundo é uma oficina na qual, através da cooperação dos agentes humanos e divinos, Jesus está fazendo, pela Sua graça e misericórdia divinas, experiências nos corações dos homens. Os anjos ficam estupefactos ao presenciarem a transformação de carácter dos que se rendem a Deus, e exprimem a Sua alegria em cânticos de arrebatado louvor a Deus e ao Cordeiro. Vêm os que eram por natureza filhos da ira, converterem-se e tornarem-se obreiros juntamente com Cristo na salvação das almas. Vêm os que andavam nas trevas tornarem-se luzes brilhando no meio da noite moral desta geração perversa e má. Vêem-nos prepararem-se através de uma experiência semelhante à de Cristo

(Continua na pág. 32)

Cristo e a Sua Igreja

(Continuação da pág. 22)

e sofrerem com o seu Senhor, para depois serem participantes com Ele na Sua glória, em cima no céu.

Deus tem uma igreja na terra que está exaltando a lei que tem sido pisada e que está apresentando ao mundo o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. A igreja é a depositária das riquezas da graça de Cristo e através dela, conseqüentemente, será manifestada a final e plena demonstração do amor de Deus ao mundo que será iluminado com a Sua glória³.

Deus deseja que o Seu Povo se una pelos mais estreitos vínculos do

companheirismo cristão. A confiança nos nossos irmãos é essencial à prosperidade da igreja, pois a união de acção é importante numa crise religiosa. Um passo imprudente, uma acção descuidada, pode mergulhar a igreja em dificuldades e provações das quais pode não se libertar durante anos. ...

Quando Jesus estava prestes a deixar os Seus discípulos, orou por eles de forma tocante e solene, para que pudessem ser um «como Tu, ó Pai, o és em Mim e Eu em ti, que eles também possam ser um

em Nós...» O apóstolo Paulo na sua primeira epístola aos Coríntios exorta-nos à unidade: «Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa, e que não haja entre vós dissensões; antes sejais unidos em um mesmo sentido e em um mesmo parecer».

Referências

- 1 Testimonies to Ministers, pág. 16
- 2 Ibid., pág. 50
- 3 Ibid., págs. 49, 50